

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PGS**

FABIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA

**FRONTEIRAS ÉTNICAS E ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL DOS
POMERANOS NO MUNICÍPIO DE ESPIGÃO D'OESTE EM RONDÔNIA**

MANAUS

2016

FABIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA

**FRONTEIRAS ÉTNICAS E ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL
DOS POMERANOS NO MUNICÍPIO DE ESPIGÃO D'OESTE EM
RONDÔNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Bastos Seráfico de Assis Carvalho, para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

MANAUS

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586f Silva, Fabio Henrique Martins
Fronteiras Étnicas e Estratégias de Reprodução Social dos Pomeranos no Município de Espigão D'Oeste em Rondônia / Fabio Henrique Martins Silva. 2016
101 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Marcelo Bastos Serafico de Assis Carvalho
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Pomerano. 2. Fronteira Étnica. 3. Identidade Étnica. 4. Agricultura. I. Carvalho, Marcelo Bastos Serafico de Assis II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

*A todos aqueles que conseguiram chegar ao final da vida
sem se corromper e aceitaram pagar o preço de seu
idealismo com altivez, pois é graças a esse tipo de homem
que a sociedade se mantém.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de realizar este sonho. Agradeço também a todos aqueles que direta ou indiretamente influenciaram em minha formação como ser social.

A minha avó Marcionila (*in memoriam*), a quem carinhosamente chamávamos de Dindinha, pela sua infinita generosidade.

Ao meu tio Teodomiro (*in memoriam*), exemplo de conduta.

Aos meus pais Wilma e Francisco (*in memoriam*) *pela coragem e pela luta que tiveram na criação dos filhos de forma ética, na orientação do caráter seguindo sempre pelo caminho do amor e da união.*

Aos meus irmãos Marcos, Sergio, Claudio, Ana Claudia, Renata, Francisco Eduardo, pela inocência, amor e solidariedade que preservamos até hoje, e principalmente ao Flávio, cuja generosidade chega a se confundir com amor paterno.

Ao primo-irmão Jeferson, pela amizade.

A minha filha Máira, fonte eterna de amor e inspiração que brotou energia para minha segunda vida, e a sua mãe Sandra, mulher valente, cuja capacidade de superação e companheirismo são inimagináveis.

Aos senhores Evaldino Keller e Martino Tech, respectivamente presidente e vice-presidente da Associação Pomerana, de Espigão do Oeste – RO, pela valiosa colaboração.

À Marluce Lima, Secretária do Programa, não mediu esforços durante o curso na colaboração para a realização dos trabalhos.

À Prof. Dra. Marilina Bessa e ao Prof. Dr. Odnei Ribeiro por fazerem parte da Banca de Qualificação e Defesa da Dissertação.

Finalmente, meus especiais agradecimentos ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Marcelo Seráfico, pela excepcional dedicação e ajuda no decorrer do curso.

SILVA, Fabio Henrique Martins. *Fronteiras Étnicas e Estratégias de Reprodução Social dos Pomeranos de Espigão do Oeste em Rondônia*. Manaus, 2016, 97 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas.

RESUMO:

A presente pesquisa visa analisar as estratégias de manutenção e reprodução da identidade étnica dos Pomeranos a partir das suas fronteiras étnicas. As análises sobre os processos partiram de estudos teóricos, também foi realizada pesquisa a partir de estudos de campo sobre os principais traços culturais manifestados pelos Pomeranos residentes na região, considerando a terra, a família, a religião e a língua pomerana como os traços culturais mais significativos para nossa pesquisa.

Palavras-Chave: Pomerano – Fronteira Étnica – Identidade Étnica – Agricultura.

SILVA, Fabio Henrique Martins. *Fronteiras Étnicas e Estratégias de Reprodução Social dos Pomeranos de Espigão do Oeste em Rondônia*. Manaus, 2016, 97 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas.

ABSTRACT

This is a master's thesis in Sociology, where the strategy of maintaining and reproducing the ethnic identity of the Pomeranians from their ethnic borders is analyzed. The analyzes of the processes were based on theoretical studies, and research was also carried out from field studies on the main cultural features manifested by the Pomeranians living in the region considering the land, the family, the religion and the Pomeranian language, as the most Significant for our research.

Key Words: Pomeranian - Ethnic Frontier - Ethnic Identity - Agriculture

LISTA DE ABREVIATURAS

AC - Assembleia Constituinte

APB – Associação Positivista do Brasil

PL - Projeto de Lei

LI - Lei Imigratória

CN – Campanha de Nacionalização

ILB – Igreja Luterana do Brasil

IELR- Igreja Evangélica Luterana Renascer

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

NAC – Novas Áreas de Colonização

DERN – Distrito Eclesiástico Regional Noroeste

ECAM – Encontro de Coordenadores da Amazônia

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01.....	pág. 15
Figura 02	pág. 25
Figura 03.....	pág. 27
Figura 04.....	pág. 28
Figura 05.....	pág. 30
Figura 06.....	pág. 37

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	07
ÍNDICE DE FIGURAS.....	08
INTRODUÇÃO.....	12

CAPITULO I

CONTEXTO INTELECTUAL BRASILEIRO NA CHEGADA DOS POMERANOS....	17
1.1.1 A influência do positivismo no abolicionismo brasileiro.....	19
1.1.2 Panorama da política de imigração brasileira e ideal de branqueamento.....	22
1.1.3 Do Espírito Santo a Rondônia	25
1.1.4 Pomeranos de Rondônia.....	27
1.1.5 Uma igreja de imigrantes em busca de sua identidade.....	28
1.1.6 Abrindo porteiras e fechando fronteiras	32

CAPÍTULO II

ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL ENTRE OS POMERANOS.....	38
2.1 A Colonização e os primeiros contatos.....	38
2.1.1 O Estado de Rondônia e sua ocupação.....	39
2.1.2 Contexto geográfico.....	40
2.1.3 Modo de produção dos Pomeranos.....	46
2.1.4 O papel da Igreja Luterana para os Pomeranos.....	49
2.1.5 Surge a pequena burguesia entre os Pomeranos.....	50

2.1.6 A venda e o vendeiro.....	51
2.1.7 Os Melhoranças	54
2.1.8 Estratificação	56
2.1.9 A Classe dos Melhoranças	60
2.1.10 Vocação ao trabalho.....	61
2.1.11 A classe intermediária	65

CAPÍTULO III

OS POMERANOS VISTOS PELA TEORIA DAS FRONTEIRAS DE FREDERIK BARTH	68
3.1.1 Delimitação de fronteira étnica.....	70
3.1.2 Identificação de categorias étnicas e suas fronteiras.....	72
3.1.3 A fronteira da língua.....	73
3.1.4 As fronteiras da terra e do casamento.....	75
3.1.5 A fronteira da religião.....	77
3.2.1 Linguagem como estrutura simbólica manifesta no <i>habitus</i>	80
3.2.2 O <i>Ethos</i> e o <i>Habitus</i> : No trabalho e na religião.....	82
3.2.3 Weber ou Bourdieu.....	84
3.2.4 A Família e a terra como base material e a consolidação da estrutura imaterial.....	86
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	96

Hino da Pomerânia

*Quando em hora silenciosa sonhos me envolvem,
Trazendo boa nova espíritos despercebidos,
Falam-me da terra da minha pátria,
Límpidas praias, escuras florestas.
Branças velas voam sobre o mar azul
Branças gaivotas se embalam na azul altura;
Azuis florestas coroam areias brancas nas dunas
Pomerânia, meu desejo está voltado a ti !
Do longínquo se volta para ti o meu pensar,
Do longínquo ele lhe envia uma querida saudação;
Carreguem, ventos mornos, minha saudação e canto
Sobre manso e suavemente o fiel som do amor!
És sim a única em todo mundo,
És minha, eu sou tua, fielmente entregue a ti.
Podes sim de todas que já vi,
Tu somente agradar, Pomerânia, tão linda !
Agora estou peregrinando, ora estou aqui, ora ali;
Mais de todas outras sou levado a sempre seguir adiante.
Até que em ti eu encontre novamente a paz,
Envio minhas canções, a ti, ó pátria!*

Gustav Adolf Reinhard Pompe

I – INTRODUÇÃO

A diversidade cultural existente no estado de Rondônia chama a atenção das diversas áreas do conhecimento. E nos acostumamos com determinados fenômenos que nos rodeiam, ao ponto de não enxergá-los como possíveis objetos de pesquisa. Durante mais de vinte anos de convivência com essa diversidade, observei que em alguns municípios do estado, principalmente o município de Espigão do Oeste¹ concentra uma das maiores colônias pomeranas do Brasil. Essa Colônia desempenha um papel de extrema relevância étnica pela sua persistência no sentido de preservar valores culturais e sociais, sendo muitos deles trazidos da terra de origem.

Observei que o modo de vida de seus membros (*habitus*), pautados nas ações desempenhadas em seu cotidiano e seus valores simbólicos, diferenciavam-se sobremaneira em diversos aspectos do nosso. Apesar dessas diferenças e certo isolamento, principalmente por habitarem na maioria em comunidades rurais (colônias), e viverem praticamente da agricultura e da criação em pequena escala, existe uma interação social com outros membros da sociedade bastante equilibrada, e até certo ponto, muito dinâmica.

Na realidade, o que pretendemos com esta pesquisa é analisar as fronteiras étnicas e as estratégias de reprodução social da identidade pomerana, partindo do princípio de que seria uma tarefa impossível analisar todos os traços culturais que compõem sua identidade. Desse modo, recortamos alguns traços culturais identificados como mais expressivos e significativos de sua identidade étnica. Este recorte foi construído ao longo do caminho delineado pelo procedimento metodológico adotado até chegarmos às fronteiras. Barth afirma que:

(...) a noção de ethnic boundary, liga-se à ideia de que são em realidade tais fronteiras étnicas e não o conteúdo cultural de sua persistência. Estabelecer sua distintividade significa, para um grupo, definir um princípio de fechamento e erigir e manter uma fronteira entre ele e os outros a partir de um número limitado de traços culturais (2011, p. 153).

Entendemos que ao identificar seus *habitus*², poderemos identificar elementos étnicos que ao serem analisados poderão ajudar na composição de um perfil étnico pomerano, ou seja, que possa servir de referência a ser seguida, e que

nas manifestações de suas representações ou em suas ações possam ser estabelecidos limites de fronteira.

A identificação das fronteiras simultaneamente leva, à observação dos traços culturais que se mantiveram ou se reproduziram, promovendo um processo dialético de estabelecimento de fronteiras, identificação e análise de reprodução dos traços culturais, considerando que a etnicidade é um processo ativo e interativo com outros diferentes, e essa interação está passível de mudanças necessárias.

Dividimos este trabalho em três capítulos: no primeiro capítulo identificamos quatro categorias étnicas: Língua, Religião, Terra e Estrutura Familiar, a partir de traços culturais muito fortes, podendo ser entendidos como elementos de sua identidade étnica, aos quais estabelecemos como limites de fronteira para nossa análise. Roberto Cardoso de Oliveira (1976. p. 23) entende a identidade étnica como uma *“representação coletiva” de um determinado grupo inserido numa situação de contato*. Portanto, identidades e categorias étnicas são representações coletivas produzidas em contextos sociais de contato intercultural.

Após a identificação desses traços, partimos para a fundamentação teórica no sentido de constatar a legitimidade desses elementos, estabelecemos uma relação de regularidade de suas ações ou representações. A partir da Teoria das Fronteiras de Frederik Barth, analisamos seu acionamento nas quatro categorias escolhidas anteriormente.

O primeiro capítulo é praticamente um levantamento histórico da trajetória dos Pomeranos desde a saída da Pomerânia, passando pelo Estado do Espírito Santo até chegar a Rondônia no ano de 1969, como afirma Rogério Link (2004, pag. 18). Essa trajetória é descrita com abordagens sobre a necessidade de manter sua identidade, enfrentar o preconceito político do período pós Segunda Guerra, ao mesmo tempo livrar-se da política de branqueamento racial implementada pelo Estado brasileiro.

Contextualizamos a chegada dos Pomeranos ao Brasil e o conflito de interesses entre as diferentes culturas, nesse período o Brasil tinha a esperança que os imigrantes europeus seriam parte da solução dos problemas raciais, pois as estratégias estariam traçadas tanto do ponto de vista ideológico como econômico. Para o governo brasileiro a chegada dos imigrantes europeus significava a solução para dois grandes problemas. Primeiro para suprir a falta de mão-de-obra após a abolição da escravatura (além de trabalharem de modo assalariado, eles seriam

qualificados), seria um casamento perfeito para o ideário estruturado pelo governo que vislumbrava o futuro no desenvolvimento do capitalista difundido pelo pensamento positivista que dominava as academias e institutos de formação brasileiros.

Outra situação a ser analisada pode ser vista com maior complexidade, que seria a expectativa do governo brasileiro de implantar a miscigenação forçada entre os negros, principalmente os oriundos da escravidão e os brancos europeus, partindo de um projeto intitulado pelos intelectuais juntamente como a cúpula do governo como “Ideal de Branqueamento”.

A chegada dos Pomeranos em Rondônia foi motivada pela escassez de terra boa para o plantio no estado do Espírito Santo, juntamente com os incentivos do governo ao promover a doação de terras como parte do projeto de colonização da Amazônia.

A religião é vista como um fator determinante na trajetória dos Pomeranos, desde sua terra natal até sua chegada e estabilidade em Rondônia. A igreja Luterana sempre esteve presente nas regiões do Brasil onde os Pomeranos estivessem. Em Espigão do Oeste - RO não foi diferente, considerando que esta convivência foi estremecida em virtude de desentendimento entre os fiéis e a cúpula da igreja que insistia na manutenção de alguns princípios que já não faziam parte da sua identidade étnica.

A etnicidade, neste caso, é percebida como manifestação de representações coletivas produzidas socialmente em uma situação de contato, apresentando ideologias de carácter étnico, identidades e fronteiras. Para Cardoso de Oliveira, por exemplo, a identidade étnica é o resultado de uma descrição categorial (coletiva) que coloca em evidência diferenças culturais. A identidade étnica é uma categoria social produzida em situações sociais onde impera essencialmente o conflito entre sociedades em competição (OLIVEIRA, 1976. p. 32).

Ainda no primeiro capítulo, trabalhamos questões relacionadas ao resultado do processo de interação social entre os Pomeranos e outros grupos culturais em Rondônia, analisando a permanência de traços culturais significativos à manutenção da estrutura étnica do grupo ou a reprodução desses traços como estratégia de sobrevivência do grupo em um contexto bastante diferenciado daquele em que o grupo pertencia.

O terceiro capítulo diz respeito ao processo de desenvolvimento da identidade étnica pomerana no estado de Rondônia, mais especificamente no

município de Espigão do Oeste desde sua chegada até os dias atuais. A observação que fizemos foi como se deu o processo de estratificação social no contexto deste grupo social iniciou com as “vendas”, surgindo com a necessidade de comercialização dos produtos excedentes destinados à comercialização, ou a compra de produtos necessários à sobrevivência dos membros do grupo, mas que só eram adquiridos no mercado fora da colônia. Nessa oportunidade alguns Pomeranos tomaram a iniciativa de trazer o comércio para as colônias além de criar a facilidade de obtenção de mercadorias que não seria possível sem o deslocamento até as vilas, criaram também o hábito de comercializar e com isso o surgimento de uma nova categoria social totalmente diferente.

A partir daí tem início um fracionamento do grupo derivando nova forma de estratificação, ou seja, estruturas que se afinem melhor a necessidade da divisão social do trabalho. Este processo de estratificação social começa a se subdividir em uma parte maior de pessoas ligadas à atividades exclusivamente agrárias, outro percentual de pessoas extremamente reduzido ligados ao comércio, a criação de gado e a grandes plantações de café.

O grupo ligado apenas a atividades no campo é mais tradicional e mantém com mais vigor sua identidade étnica, ao contrário do grupo dos comerciantes, que optaram por um setor econômico mais universal ocupando um lugar na divisão do trabalho mais dinâmico e com um índice de interatividade muito alto que absorve o impacto das mudanças com maior intensidade.

Dá-se uma importância primordial ao fato de que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas (...).tentando explorar os diferentes processos que parecem estar envolvidos na geração e manutenção de grupos étnicos, e da constituição interna de grupos distintos para as fronteiras étnicas e a manutenção dessas fronteiras (BARTH, 2011, p. 189).

Desse mesmo grupo com pessoas extremamente ligadas à agricultura, derivaram pequenos feirantes, vendedores de produtores derivados do campo tanto *in natura* quanto manufaturados, trabalhadores assalariados sem muita qualificação no setor privado e alguns funcionários públicos de nível superior. Eles mantêm vivas as tradições a partir de sua alimentação, religião, estrutura familiar e festas tradicionais. Os oriundos do grupo dos antigos donos das vendas que se transformaram em grandes comerciantes, donos de lojas e fazendeiros originaram

os profissionais liberais. Esses de padrão econômico elevado, grandes comerciantes, proprietários de grande parte do comércio local, considerados como uma nova classe desta sociedade, a que os próprios Pomeranos denominaram como “melhorança”.

No primeiro capítulo tratamos do contexto social, político e econômico no decorrer da imigração, desde a segunda metade do século XIX até o período posterior, a II Guerra Mundial, abordando as ações governamentais do pós-escravatura, as influências causadas sobre os imigrantes pomeranos, no que diz respeito às necessidades de reforçar seus traços culturais para garantir sua manutenção diante de ameaças esboçadas no implemento da política racial brasileira.

No segundo capítulo foram trabalhadas questões relacionadas às transformações sociais sofridas pela comunidade pomerana diante das novidades apresentadas pelo capitalismo, especificamente o comércio, introduzido com maior intensidade entre aqueles que dispunham de maior poder aquisitivo e espírito empreendedor. Mesmo destoando de sua identidade cultural, fundamentalmente baseada na agricultura, ousaram em promover mudanças ao ponto de surgirem novas classes, alinhando-se ao capitalismo moderno.

O terceiro capítulo trata de uma análise dos traços culturais mais expressivos contidos na identidade étnica dos Pomeranos de Espigão do Oeste - RO, contextualizando no decorrer da história, desde sua chegada ao município que, antes era uma vila, até os dias atuais, com sua dinâmica, suas transformações e suas contenções.

CAPÍTULO I

CONTEXTO INTELECTUAL BRASILEIRO NA CHEGADA DOS POMERANOS



<http://www.agitoespigao.com/25072015-5a-pomerfest-festa-pomerana/>

Neste capítulo estabeleceremos uma relação entre a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, entre eles os Pomeranos, e um amplo projeto governamental de caráter econômico, social e racial a ser implantado no país em nome do progresso econômico da sociedade brasileira, mais conhecido como: O ideal de branqueamento.

Em 1850 o tráfico de escravos negros passa a ser proibido no Brasil por iniciativa do Ministro da Justiça, o Sr. Eusébio de Queirós ¹. Isto se deve a pressão britânica que forçou o imperador Pedro II a tomar essa decisão como parte da

¹ Membro do Partido Conservador e Ministro da Justiça entre 1848 e 1852, autor de uma das mais importantes Lei do Império, Lei Eusébio de Queiros, promulgada em 4 de setembro de 1850, que proibia o tráfico de escravos para o Brasil (Skidmore, 1976).

estratégia europeia de ampliar o consumo e aumentar a produção industrial, que só seria possível com a mão de obra qualificada e livre da escravidão, pois seus salários seriam incorporados ao consumo de produtos industrializados, fomentando o modo de produção capitalista. Apesar de tudo, a questão ficou fora da pauta política por uma década e meia, só passou a fazer parte da pauta do Congresso Nacional em 1866, com a pressão institucional e popular que exigia liberdade dos escravos que serviram na Guerra do Paraguai. O movimento foi reforçado também por pressão estrangeira exercida por um grupo de abolicionistas franceses exigindo que D. Pedro II acabasse com a escravidão no Brasil. Certamente este fato ocorreu graças ao clima provocado pelo movimento de intelectuais brasileiros, principalmente o deputado geral por Alagoas, Tavares Bastos que defendia uma abolição gradual por parte dos liberais, aos quais estava ligado.

Já os Republicanos não se manifestavam a respeito da abolição. Vale salientar que as três grandes leis abolicionistas foram todas promulgadas por governantes conservadores que eram contra a escravidão, não por respeitar as diversidades raciais, mas por estarem interessados em implantar no Brasil, a monarquia ou mesmo uma república liberal, e explorar a mão de obra assalariada, de forma que atendesse aos interesses do mercado de trabalho imposto pelo capitalismo e ao mesmo tempo atendendo às exigências de um projeto racial (branqueamento racial) a ser instituído pelo governo brasileiro.

Em 1876, no Rio de Janeiro foi fundada a Primeira Associação Positivista do Brasil², assinalando de vez o rompimento com ideais tradicionais e se identificando com o progresso do positivismo, que por sinal caminhava lado a lado com o desenvolvimento do capitalismo. No ano seguinte, viajam a Paris os filósofos brasileiros Miguel Lemos e Teixeira Mendes, aprofundando sua adesão às novas ideias que agora passara de simpatia filosófica a compromisso religioso, vindo a fundar a Sociedade Positivista Brasileira. O positivismo invade a Escola Militar do Rio de Janeiro e passa a ser difundido entre os cadetes pelo oficial-professor Benjamim Constant. Por outro lado ficavam os Positivistas heterodoxos que aceitavam as teorias históricas do pensador Augusto Comte, mas rejeitavam a religião fundada em seu nome.

² Associação Positivista Brasileira – Pensamento que unia a lógica à política, muito difundido entre os intelectuais brasileiros após a Proclamação da República.

1.1.1 A influência do positivismo no abolicionismo brasileiro

Os Intelectuais brasileiros das ciências aplicadas, admiradores do pensamento francês foram atraídos pelo positivismo, estudantes de matemática e engenharia, aprenderam com seus professores, que as ideias de Comte eram aplicações lógicas das ciências na sociedade, o que gerou grande interesse na Escola Militar e na Escola, Politécnica do Rio de Janeiro, cujo alunado formado por eminentes oficiais e engenheiros abnegados pelo progresso econômico do país. Ao mesmo tempo em que as ideias de Comte davam ênfase à família como elemento social básico da sociedade, contrariando o pensamento da elite brasileira, pois o que parecia atraente para aqueles brasileiros interessados na modernidade, ao mesmo tempo preocupavam-se também com o valor atribuído ao individualismo, que o pensamento liberal introduzia entre seus adeptos, levando os mesmos intelectuais a refletir sobre a possibilidade do enfraquecimento da família com o processo de abolição da escravatura, pois colocava em jogo um conjunto de valores estruturados e consolidados em setores da sociedade brasileira.

Esses homens eram expostos a um dogma científico que desafiava toda a estrutura de privilégios existentes na política (monarquia), na economia (escravatura), na religião (a Igreja Católica oficial) e na educação (a indiferença pelas ciências e o caráter religioso da instrução patrocinada pelo governo). (Skidmore, 1976. p. 29).

Em 1883, Joaquim Nabuco em sua obra *O Abolicionismo* (1988) deixou claro que sua preocupação principal estava mais voltada para a implantação do modelo liberal capitalista que para questões raciais, pois as bases ideológicas de seu partido estavam voltadas para dar fim a escravidão, em detrimento das futuras exigências do capitalismo, pela mão-de-obra assalariada em oposição ao trabalho escravo. Afirmava que se tivesse que optar entre raças para composição étnica oficial do estado brasileiro, elegeria algumas prioridades que também tratam do futuro étnico e econômico do Brasil: O primeiro aspecto se refere a:

Escravidão, assim como arruína economicamente o país, impossibilita o seu progresso material, corrompe-lhe o caráter, desmoraliza-lhe os elementos constitutivos, tira-lhe a energia e a resolução, rebaixa a política; habitua-o ao servilismo, impede a imigração, desonra o trabalho manual, retarda a aparição da indústria (...) desvia o capital do seu curso natural, afasta as máquinas, excita o ódio entre as classes (...) encobre os abismos de

anarquia moral, de miséria e destruição. No segundo momento ele enfatiza que a escravidão é um peso enorme que atrasa o Brasil no seu crescimento econômico em comparação com os outros Estados sul-americanos que a não conhecem. Enfim só com a emancipação total podem concorrer para a grande obra de uma pátria comum (...) a massa inativa da população, a qual é vítima desse monopólio da terra e dessa maldição do trabalho; os brasileiros em geral que ela condena a formarem, como formam, uma nação de proletários (NABUCO. 1988, p. 91 - 92).

Em 13 de maio de 1888 era aprovada a abolição da escravatura, cuja iniciativa partiu dos gabinetes dos deputados representantes de fazendeiros conservadores de São Paulo, que se convenceram que a substituição dos escravos pela mão de obra assalariada seria inevitável e até poderia ser mais lucrativa, muitos intelectuais liberais, republicanos e anticlericais tornaram-se abolicionistas.

O que ninguém imaginava era que juntamente com a abolição viesse a preocupação com a questão racial, considerando que sendo o negro livre a partir de agora, qual seria então a raça do povo brasileiro? Essa preocupação passou a ser o centro dos debates políticos na sociedade e no poder estatal, incidindo diretamente sobre o tipo de raça esperada pelo governo para definir qual seria o tipo do povo brasileiro. O governo chegou à conclusão que seria necessária uma política que incrementasse a imigração de pessoas brancas para o Brasil, com o objetivo de engrossar o clareamento da raça brasileira. Os abolicionistas conhecedores das teorias racistas que chegavam da América do Norte e da Europa iniciaram a discussão sobre o futuro da raça brasileira.

As questões raciais ainda não estavam bem definidas, devido à falta de consenso entre os intelectuais, que no momento ainda discutiam essa questão de forma grosseira. Joaquim Nabuco³ deixava claro que era a favor de um Brasil mais branco. Ele lamentava o fato dos holandeses não terem permanecido no Brasil, exaltando a grande contribuição que os holandeses deram à “liberdade do comércio e à liberdade de consciência”.

A maioria dos abolicionistas pregava um processo “evolucionista” com a predominância gradual da raça branca sobre as demais, estavam até preparados para acelerar essa evolução, promovendo a imigração europeia de maneira intensiva, a qual era favorável por dois motivos: primeiro os europeus ajudariam a compensar a escassez de mão de obra resultante da eliminação do trabalho escravo, pois livres seriam mais úteis. Quanto à taxa de reprodução da população

³ Deputado, Líder e teórico do Movimento Abolicionista Brasileiro (Skidmore, 1976).

branca, era tida como insuficiente para atender às necessidades do trabalho qualificado. Em segundo lugar, a imigração ajudaria a acelerar o processo de branqueamento⁴ no Brasil. Até então os ideólogos do branqueamento não enxergaram ou não se interessavam por peculiaridades étnicas que poderiam criar dificuldades nas relações sociais entre brasileiros e imigrantes “brancos”, como ocorreu com os imigrantes japoneses. A única preocupação até o momento era com a superação da falta de mão de obra e o aumento de habitantes brancos, a partir de uma visão extremamente dominadora e preconceituosa. Esta ideologia provavelmente seria sentida pelos imigrantes, o que despertaria desconfianças das intenções dos brasileiros.

Na mesma época, o jurista Meneses e Souza, autor de um relatório em 1875, que pedia medidas governamentais em favor da imigração, mas que estabelecesse alguns critérios com relação ao tipo de imigrante, e juntamente com outros intelectuais não favoráveis à imigração de chineses para o Brasil, assim como Joaquim Nabuco fez certas afirmações contrárias aos chineses, afirmando que o Brasil precisava de “sangue novo”, não de “suco envelhecido e envenenado” de “constituições exaustas, degeneradas”, fundamentando seu racismo, na suposta teoria antropológica, de que os chineses era uma raça “abastarda” e fez degenerar a nossa. Referindo-se a certo número de chineses que imigraram para o Brasil e não se misturavam com os habitantes de nossa terra. Salvador de Mendonça afirmava que “Os ‘chins’ não poderiam ser considerados imigrantes permanentes porque ‘não aprendem a amar a terra para qual emigram’”, além de serem, em sua opinião, falsos, desconfiados, mentirosos e concupiscentes. Referindo-se à dificuldade encontrada pelo povo chinês de se relacionar com os brasileiros devido ao seu comportamento voltado apenas para sua etnia.

A ortodoxia ideológica de Mendonça não o deixava enxergar que não apenas os chineses, mas poderia haver resistência étnica também por parte de qualquer grupo de imigrantes brancos, como aconteceu com imigrantes alemães no sul do país e isto poderia comprometer o projeto de “branqueamento” racial

⁴ Teoria que tinha como principal defensor o advogado e historiador Oliveira Viana entre o final do século XIX e início do século XX – pregava que com a imigração de europeus e a miscigenação com os negros em um período de no máximo 50 anos a população brasileira passaria a ser branca (Idem).

brasileiro. Enfim, muitos problemas ainda estariam por vir nessa fase inicial da discussão.

1.1.2 Panorama da Política de Imigração Brasileira e Ideal de Branqueamento

As expectativas sobre qual raça iria substituir a mão de obra escrava era grande, Joaquim Nabuco (1849-1910), quando debatia sobre as políticas de estímulo à importação de mão de obra sempre fazia uso das concepções inerentes às ideologias raciais para justificar sua preferência pela imigração europeia.

Skidmore (1976) faz esta observação ao citar trechos dos escritos de Nabuco em que ele salientava que: “a imigração europeia traga, sem cessar, para os trópicos uma corrente de sangue caucásico vivaz, enérgico e sadio, que possamos absorver sem perigo, em vez dessa onda chinesa”, referindo-se aos chineses que não corresponderam às expectativas do projeto de desenvolvimento brasileiro baseado no positivismo liberal.

Até então, mesmo com a experiência frustrada com a imigração japonesa de não se integrarem com os brasileiros, não se pensava na possibilidade de que os imigrantes trariam consigo uma identidade-étnica consolidada ao ponto de estabelecer fronteiras étnicas com vistas à manutenção de sua identidade poderia dificultar a integração e a interação social desejada pelo governo brasileiro. O conceito de liberdade ainda estava bastante vinculado ao de subserviência ao grupo dominante.

No final da década de 1880, o ideal de branqueamento estaria associado ao projeto brasileiro de liberalismo político e econômico, visando produzir uma imagem nacional mais definida. Antes mesmo da aprovação da primeira constituição republicana, o governo provisório havia promulgado um decreto que revelava o ideal de branqueamento, responsável em grande parte pela entrada em massa dos imigrantes no Brasil. O decreto de 28 de junho de 1890 dispunha de um texto dizendo que:

É inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos a ação criminal do seu país. A essa provisão liberal acrescentava-se a cláusula: “Exetando: os indígenas da Ásia ou África, que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos, de acordo com as condições estipuladas”. Em outro artigo acrescentava-se o seguinte: A

polícia dos portos da República impedirá o desembarque de tais indivíduos, bem como o de mendigos e indigentes. Dispunha-se, também, que todo fazendeiro que quisesse instalar imigrantes europeus em suas terras gozaria de todos os incentivos especiais garantidos por lei (SKIDMORE. 1976, p. 155).

A presença permanente e o poder dos fazendeiros na decisão das coisas do governo, sua influência no processo de imigração de europeus, a tutela sobre os imigrantes, o direito de delimitar lotes e vendê-los aos imigrantes, chegou a causar grande confusão e desconfiança por parte dos imigrantes, que por diversas vezes foram lesados, ao comprar terra de empresas ou pessoas que na realidade não eram proprietárias delas.

Não é de se admirar que em nossa pesquisa de campo, em conversas informais, alguns entrevistados tenham confidenciado que os Pomeranos mais velhos quando fazem negócios com brasileiros, levam consigo um dos filhos que fale bem a Língua Portuguesa, para confidenciar em sua língua materna as dúvidas que ocorrem no decorrer das negociações. Isso acontece com certa frequência na venda de sua safra (principalmente o café), ou nos negócios bancários. Mesmo que ele fale Português, mas ficam calados diante do negociante, deixando o filho negociar, e nos momentos que julguem necessário, dirigem a palavra em voz baixa, falando em Pomerano com seu filho. Atitude considerada normal pelos negociantes e agentes financeiros locais.

Posteriormente, a necessidade de mão de obra no Brasil passou a ser suprida por migrantes de outros estados da federação, ou descendentes de imigrantes que para conquistar melhores pedaços de terra, ou condições de trabalho, passaram a se deslocar para outras regiões do país e posteriormente para regiões menos habitadas, como é o caso da região norte do Brasil, em nosso caso, mais especificamente, Rondônia.

O fato primordial era que tanto os fazendeiros paulistas quanto a Sociedade Central de Imigração consideravam os europeus superiores aos brasileiros natos e poderiam promover um melhoramento racial e econômico devido a sua capacidade “nata” de trabalhar e criar empreendimentos.

Em 1921, o estado do Mato Grosso, ofereceu concessões territoriais a desbravadores, mas ao tomar conhecimento de que empresários dos Estados Unidos estariam recrutando negros norte americanos para imigrarem para o Brasil, o presidente do Estado, imediatamente cancelou as concessões e comunicou ao

ministro das Relações Exteriores. Neste momento, o cientista e etnólogo Artur Neiva escreveu e publicou um texto a esse respeito: “Por que irá o Brasil, que resolveu tão bem o seu problema de raça, implantar em seu seio uma questão que não entra nas nossas cogitações? Daqui a um século, a nação será branca”. Dois deputados federais, Andrade Bezerra (Pernambuco) e Cincinato Braga (São Paulo), apresentaram o Projeto de Lei nº 209, de 1921, que proibia “a imigração de indivíduos humanos da raça de cor preta”. Esse projeto acirrou os debates na Câmara, vários deputados condenaram o projeto afirmando que o mesmo seria inconstitucional. Joaquim Osório afirmou que a lei equivalia a um novo código negro, a uma política de preconceito racial como nunca existiu no país. Andrade Bezerra replicou afirmando que era tempo de abandonar a atitude puramente sentimental que sempre se adotava na discussão das questões vitais do país. O projeto foi votado passando para as comissões especializadas com 94 votos a favor e 19 votos contra.

Em 1923, o deputado federal por Minas Gerais, Fidélis Reisélis Reis, apresentou uma versão muito parecida com o Projeto de Lei nº 209, a Lei limitava a entrada de até 3% de qualquer colono “da raça preta” a uma cota anual equivalente aos orientais já radicados no Brasil. Fidélis fez referência à Lei imigratória norte-americana, ressaltando que “o Brasil tinha maior necessidade de elementos europeus que seu poderoso vizinho do norte”. A oposição a essa lei levou o presidente do estado do Pará, Eurico Vale à seguinte afirmação: “o mestiço é um tipo intermediário que tem de desaparecer, por força”. Outros opositores à lei julgava-a extremamente racista e acreditavam que no decorrer da história haveria um processo de mestiçagem que tenderia a um branqueamento progressivo, levando o intelectual Carvalho Neto à afirmação que “o negro no Brasil desaparecerá dentro de setenta anos”.

O jurista Clóvis Beviláqua, defensor da teoria do branqueamento referindo-se à publicação de Oliveira Lima, afirmava que “não é de recear que venham esses imigrantes de cor em massa tão grande que dificilmente possam ser assimilados ou que perturbem a evolução normal do nosso tipo étnico” (SKIDMORE, 1976). É bem possível que os Pomeranos fossem racistas até mesmo pela origem ariana e por terem sido governados sob forte influência da Alemanha, e terem assimilado sua influência. Mas também é possível que as primeiras gerações de imigrantes tenham reforçado o preconceito racial aqui mesmo no Brasil, pois esse

debate teve início desde o final do século XIX até metade do século XX, não esquecendo que chegou a ser instituído pelo governo e deve ter sido foco de preocupação pelos Pomeranos, pois se tratava de questão de imigração, e com certeza interessava aos ouvidos atentos dos Pomeranos.

1.1.3 Do Espírito Santo a Rondônia

Em nossa pesquisa, dos 11 (onze) entrevistados, 06 (seis) deles não esconderam sua posição racista em relação ao negro, principalmente em relação ao casamento com suas filhas, também alegaram que os mais velhos não aprovavam o relacionamento, muitos atribuíram a dificuldade com a cultura, mas tinham filhas que não se importavam e namoravam rapazes negros. Os entrevistados mais velhos (88 anos) afirmaram que tinham empregados negros, mas de forma dissimulada descartavam a possibilidade de casamento das filhas com algum negro, e em suas respostas demonstravam que só admitiam os negros em situação de submissão: “eu não tenho nada contra eles, até são bons de trabalho”, esta é a afirmação de um entrevistado. Já uma entrevistada, casada com um negro, afirmou acreditar que o fato de as moças Pomeranas se interessarem por negros, pode estar relacionado à falta de homens entre os Pomeranos, e o desinteresse dos brasileiros pelas Pomeranas. Fazemos aqui a seguinte consideração: O racismo entre mulheres Pomeranas em relação a homens negros pode estar com seus dias contados em Espigão do Oeste – RO. Caso típico em que uma etnia aceita perder sua identidade biológica, em função da preservação de sua identidade cultural, correndo o risco de no futuro sofrer fortes transformações étnicas, tendo em vista que a relação familiar está estruturada sob a égide do sistema patriarcal.

Em 1934, a Assembleia Constituinte eleita pelo voto popular reuniu-se para fazer uma nova Constituição. Entre as inovações estava o Artigo 121, seção 6, que adotava o princípio das cotas raciais no Brasil:

A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de 2% sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos.

O jurista Monteiro de Barros manifestou-se após a promulgação da Lei nº 121, afirmando que, “Agora o desaparecimento dessa mancha negra no sangue

branco já está nitidamente desenhado e caminhando francamente para um resultado favorável”. O fato foi consumado por Getúlio Vargas ao incluir as mesmas cotas na Constituição Autoritária de 1937, Art. 151, e em 1945, ao voltar ao governo, assina o Decreto Lei nº 7967, de setembro de 1945, estipulando que os imigrantes seriam admitidos em conformidade com “a necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia”. Foi nesse contexto que se deu a quarta e última leva de imigrantes Pomeranos para o Brasil, incentivada e assegurada pelo Estado Brasileiro.

O que acabamos de fazer foi uma exposição de motivos que acreditamos ter contribuído direta ou indiretamente para que ficasse entendido o papel do governo brasileiro e a situação dos imigrantes no cenário econômico e social brasileiro. Em outras palavras, os Pomeranos encontraram um terreno fértil para que, até certo ponto continuassem se diferenciando dos escravos de mão de obra agrícola, ou seja, no Brasil, a expectativa que lhes foi imputada era principalmente que teriam que ter disposição para o trabalho, serem extremamente produtivos e férteis para reproduzirem-se e disseminarem a raça branca no solo brasileiro ou provocar a mestiçagem. Reproduzirem-se não seria problema, pois suas famílias costumam ser numerosas, mas a mestiçagem esbarrava na fronteira étnica⁵ pomerana, que se apresentava muito voltada para sua própria cultura. Para um povo oriundo de uma província governada sob forte influência da Alemanha, derrotada na II Guerra Mundial, seguida da expulsão de seu território que passou a pertencer à Alemanha e principalmente à Polônia, e foram obrigados a abandoná-lo apenas com a roupa do corpo. Encontrando, desse modo, no Brasil seu refúgio com garantia de terra e trabalho, aos olhos do desespero a propaganda brasileira na Europa para atrair estrangeiros, com a bandeira de que “o Brasil era a terra que emanava leite e mel” caía, como uma luva para eles, considerando sua vocação para com a terra e com o seu cultivo, oportunidade como esta não poderia ser dispensada.

⁵ A fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequentemente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais(...) através da qual as unidades e os limites culturais persistem. Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica (BARTH. 2011. p. 196).

1.1.4 Pomeranos de Rondônia

No século XX, a entrada de imigrantes no Brasil estava consolidada como política de Estado. De acordo com (RÖLKE, 1996), há uma estimativa que para o Brasil tenham vindo 30.000 pessoas, sendo que as primeiras desembarcaram no porto de Vitória no estado do Espírito Santo no ano de 1859, estabelecendo-se inicialmente na região das montanhas e posteriormente migraram também para o Norte do estado, em direção ao Vale do Rio Doce.

A imigração europeia marcou a história do Espírito Santo desde o início da segunda metade do século XIX, quando o estado passou a receber grandes levadas de imigrantes europeus, dentre os quais os Pomeranos. Mesmo em meio a intensos movimentos, conflitos e deslocamento deste grupo no interior do estado do Espírito



Santo, conseguiu manter sua identidade, pois muitos traços culturais ainda permaneceram firmes e são expressos em seu cotidiano até hoje. Entretanto, alguns costumes perderam-se no decorrer do tempo e outros se ré-significaram devido às circunstâncias, ou seja, muitos elementos culturais foram transformados e reelaborados devido as próprias necessidades de se relacionarem e manterem relações produtivas com outros grupos.

Em vista desta situação, trabalhamos com o conceito de fronteiras étnicas para delimitarmos o momento em que os elementos culturais de um determinado grupo se deparam com situações que necessitam estabelecer estratégias que possibilitem a interação com elementos culturais de outros grupos sem perderem sua identidade. Ao demarcarem esses limites, operam de maneira a impedir que seus traços culturais se desestabilizem ou que os outros se sobreponham aos seus, atuando de diversas formas: “Um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (BARTH, 1997. p. 195).

1.1.5 Uma Igreja de Imigrantes em busca de sua Identidade

Os Pomeranos de Rondônia são a quarta geração de imigrantes, descendentes de um povo que enfrentou situações muito difíceis, como por exemplo: as situações que se submeteram durante a Campanha de Nacionalização implantada pelo Governo de Getúlio Vargas nos anos de 1938 a 1945, que segundo, período este em que Joana Bahia (2011, p. 99), descreve que

houve repressão à publicação e ao ensino da língua alemã, proibição de falar outra língua em público, fechamento de instituições e associações comunitárias e culturais de origem contraria a ideologia brasileira, perseguição aos membros da igreja Luterana e destruição de propriedades de imigrantes ou descendentes de países inimigos aos aliados durante a II Guerra Mundial.

Durante e após a II Guerra Mundial, os Pomeranos, principalmente do Espírito Santo, isto por ser a maioria de estrangeiros da “Alemanha” concentrados na região durante a II Guerra, depararam-se com diversos problemas, entre eles, os efeitos negativos do nazismo trazidos junto a eles sob o estigma do “alemão nazista”, ao ponto de serem perseguidos pelos “bate paus”. Jacob (2011), descreve

os ‘bate paus’ como bandidos que se disfarçavam de militares de Getúlio Vargas e saqueavam comida, bebida, animais, objetos de valor, dinheiro e tudo que podiam carregar das colônias, em especial tudo que tinha escrita alemã era destruído ou confiscado em nome da proteção do Brasil contra os nazistas.

No primeiro momento, acreditamos que esse fenômeno influenciou bastante as frequentes manifestações de afirmação desse povo, que faz questão de distinguir-se dos alemães, ao afirmarem “nós não somos alemães, somos pomeranos”, e principalmente nas festas em que todos se vestem de azul e branco, cores da bandeira pomerana, levando-a consigo, deixando bem clara a distinção entre Pomeranos e Alemães.



Foto – Fabio Henrique - 5ª Pomerfest – Espigão do Oeste - RO

Podemos afirmar que a festa que acontece anualmente, tanto em “Vila Pavão”, cidade do Espírito Santo, considerado o município mais pomerano do Brasil, quanto no município de Espigão do Oeste, em Rondônia, considerado o município mais pomerano da região norte; e em praticamente todas as outras colônias no sul do Brasil, que tenham um número expressivo de integrantes ou vivam isoladas de outros grupos, manifestam como estratégia simbólica para diferenciar-se dos alemães que já habitavam no sul do Brasil e sempre ostentaram a bandeira alemã como orgulho de seu povo. Tanto em pesquisa bibliográfica, documental ou em

entrevista com membros mais antigos das colônias, todos fazem questão de destacar a distinção entre pomeranos e alemães.



<http://pt.depositphotos.com/30775701/stock-photo-flag-of-pomerania.html>

A identidade de “camponês tradicional” faz parte da lógica que é acionada em algumas situações como valor identitário, como forma da persistência da identidade camponesa num mundo em crise através das festas comunitárias, tais como: Festa do Colono, Festa da Colheita, Festa Pomerana. (...) Todas essas festividades são organizadas pela Igreja Luterana em conjunto com a prefeitura, grupos folclóricos e escolas locais. Em especial, a Festa da Colheita foi trazida da Alemanha e reinventada no Brasil pela Igreja Luterana. Quanto às outras festividades, não pude averiguar de que segmento elas se originaram, mas acredito que das instituições locais, mas em especial da mais importante entre elas: a Igreja Luterana (BAHIA, 2011, p. 114).

Outro fator que fortalece essa hipótese é a afirmação dos entrevistados e principalmente do presidente e vice-presidente da Associação Pomerana de Espigão do Oeste - RO, Sr. Martino Tech (estudioso da história pomerana), que no ano de 1969 trouxe no seu pau-de-arara os primeiros Pomeranos para Rondônia, retornando no ano seguinte e juntamente com os colonos construiu a sede da Igreja Luterana do Brasil, trazendo em 1972 sua família e fixando-se em Espigão do Oeste, Sr. Martino como é conhecido, também afirmou que naquela época chegavam em média 6 (seis) paus-de-arara por dia, e a estrada de Cuiabá - MT a Pimenta Bueno - RO levava entre 10 e 12 dias. Ele também é categórico em afirmar que a Festa Pomerana teve origem no Brasil, após a “fixação da colônia de Vila Pavão”. Outro fenômeno bastante característico é o fato de que todos os colonos mantêm suas casas pintadas de azul e branco, como forma de identificação das cores da pátria mãe.

Os fatores que levaram os Pomeranos do Espírito Santo a migrarem para Rondônia são para Rogério Link (2004) a crescente natalidade e a falta de

perspectiva de alguns colonos. Apesar de sua opinião não ser muito diferente, Jacob (2011) apresenta argumento bem mais completo, afirmando que: “No Espírito Santo, as pequenas áreas de terra já distribuídas entre herdeiros, não produziam como antes, e sem um investimento em novas culturas e sem novas tecnologias, era impossível sobreviver nesses minifúndios” (p. 32).

Os primeiros luteranos que chegaram a Rondônia, com o objetivo de se estabelecerem, foram as famílias Hollander e Braun. Eles vieram de São Gabriel da Palha, estado do Espírito Santo. Chegaram a Rondônia no ano de 1969 e acamparam no vilarejo de Pimenta Bueno - RO. Vendem suas terras e partem de Vila Pavão no Espírito Santo rumo ao estado de Rondônia em cima de um pau-de-arara, juntamente com mais sete famílias, somando 32 pessoas. Outros afirmam serem 37, chegando ao município de Pimenta Bueno, na divisa com Espigão do Oeste acamparam as margens do rio Barão do Melgaço, onde montaram barracas de lona, ou feitas com folhas de palmito, vivendo de maneira improvisada, da caça e de alguns produtos nativos já existentes ou plantados pelas mulheres. Pois os homens ocupavam-se da caça e da derrubadas da mata, tudo isso acontecia enquanto esperavam que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra regularizasse sua situação, demarcando suas terras.

Na época, cada família recebia 42 hectares de terra, as notícias chegaram rapidamente ao Espírito Santo através de cartas ou dos caminhoneiros. Assim, à medida que os Pomeranos do Espírito Santo ficavam sabendo que em Rondônia existiam terras que poderiam ser compradas a preço mais acessível, e que já moravam outros Pomeranos e a Igreja Luterana também já estava atendendo naquela região, embarcavam rumo ao “novo território”. Era em média 6 caminhões carregados de pessoas todos os dias. Começava, assim, a saga dos Pomeranos ao Estado de Rondônia.



Pomeranos vindo para Espigão do Oeste - RO pela BR 364
<http://pt.depositphotos.com/30775701/stock-photo-flag-of-pomerania.html>

1.1.6 Abrindo porteiros e fechando fronteiras

Link (2004) enfatiza que entre os modelos de protestantismo encontrados na América Latina, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB está classificada como igreja de “transplante, étnica ou de imigração”, fazendo a seguinte afirmação:

Seu rosto é étnico; preponderantemente germânico. Isso se deve ao fato de que ela não surgiu através de missão entre o povo nativo, mas sim devido à imigração de protestantes para o Brasil. As comunidades luteranas conheceram um período de “germanização” de sua organização e de sua vida que se traduziu numa completa dependência da Alemanha, de onde passaram a vir todos os pastores e dirigentes da Igreja (p. 83).

O mérito de hoje existirem comunidades filiadas à IECLB em Rondônia deve-se em grande parte, aos migrantes que vieram para esse Estado. Sem eles, dificilmente existiriam comunidades aqui, a IECLB só existe no Brasil por causa dos imigrantes que vieram trazendo junto a sua vivência de fé, preservando-a entre seus semelhantes e tomaram a iniciativa de se constituírem em comunidade.

Em 1970, estiveram percorrendo o estado de Rondônia dois integrantes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, Valdemar Holz e o Pastor Joachim Maruhn, que foram designados pela Direção da IECLB a fazer uma viagem para Rondônia com o objetivo de localizarem os membros que tinham migrado para o antigo território e, a partir daí, continuarem exercendo o domínio religioso sobre este povo, também participaram da fundação da comunidade luterana de Pimenta Bueno - RO, em 23 de julho de 1970.

Os membros do conselho eclesiástico da igreja Luterana, ao final da viagem enviaram um relatório ao Pastor Karl Gottschald, Presidente do Conselho Direto da IECLB, constando os seguintes dizeres: “Que seja iniciado um trabalho nessas regiões quanto mais breve para evitar que outras denominações religiosas tomem frente (...) e consigam um grande campo de trabalho que pertence a nossa igreja”, Link (2004. p. 70).

Devido à situação precária e desafiadora para um pastor aceitar o desafio, o Prof. Cat. Geraldo Schach aceitou o desafio de ser o pastor efetivo em Pimenta Bueno, e em 10 de junho de 1972 chegava à Comunidade Evangélica de Pimenta Bueno. Ao chegar nesta cidade, ouviu o relato de que os poucos membros evangélicos de Espigão do Oeste estariam sendo assediados pelo pastor da Igreja Missouri, Luterana do Brasil. Tomado por esta notícia, Schach assumiu como primeiro compromisso seguir direto para Espigão a fim de realizar uma reunião com os Pomeranos que por lá habitavam, e assim foi criada a comunidade Evangélica de Espigão do Oeste, filiada à IECLB.

Em 1979, a sede da Paróquia de Pimenta Bueno foi transferida para Espigão do Oeste, isso aconteceu porque o maior número de membros concentrou-se em Espigão e assim, a igreja poderia exercer maior influência e se desenvolver fortalecida. Desde então, a Igreja Luterana passou a acompanhar praticamente todos os Pomeranos de Espigão do Oeste, realizando batizados, casamentos e aconselhamento às famílias dos Pomeranos. Link (2004) em sua dissertação de mestrado descreve que ao entrevistar Walter Sass em 1999, ouviu do mesmo que: os membros eram todos Pomeranos que viviam nas linhas, na cidade não tinha comunidade, “esses Pomeranos, antes de mim, eram atendidos pelo pastor Geraldo Schach de Espigão do Oeste, depois pelo João Artur Müller da Silva, depois pelo pastor Valdir Frank”.

A religião luterana sem dúvida alguma exerce um papel fundamental na identidade Pomerana, pois todos os 11 entrevistados em nossa pesquisa de campo foram unânimes em afirmar que a terra, a família e a igreja eram os elementos fundamentais na vida do povo Pomerano. Entre a chegada dos Pomeranos a Pimenta Bueno, às margens do rio Barão de Melgaço e no acompanhamento deles as Novas Áreas de Colonização – NAC, em Espigão do Oeste, o IECLB, afirmava “estar procurando um novo jeito de ser igreja. Preocupada com as pessoas em seu ser integral, quer dizer espiritual e fisicamente”, passou a ter uma crescente preocupação com o desenvolvimento sócio-político, os grupos (leigos e obreiros), que defendiam um compromisso político-social da IECLB com o Brasil, eram combatidos pelos pastores que os proibiam de falar Pomerano e os obrigavam a falar e se identificarem como alemão. Isto se deve provavelmente ao fato de que as comunidades alemãs do sul do país agora estavam em alta pelo seu modelo de desenvolvimento ter tido êxito, pois antes marginalizados.

Houve muito conflito entre os fiéis e os pastores ortodoxos que falavam aos gritos para que não se falasse em Pomerano. Esses pastores passaram a ser vistos quase como inimigos pelos Pomeranos e por muitas vezes tiveram as igrejas esvaziadas nos dias de seus cultos, e quando os Pomeranos iam aos cultos, traduziam do Alemão para o Pomerano, para que os mais velhos pudessem entender. A partir do final da década de 1970, os pastores admitiram a tradução dos cultos e nas comunidades rurais a Bíblia podia ser lida em Pomerano, durante os estudos nas casas dos fiéis. É em meio a esse conflito que a Igreja vai se adequando aos Pomeranos, e os Pomeranos, adequando-se à igreja, e assim, ambos vão se resignificando, mantendo ou reproduzindo sua identidade étnica.

No caso dos pomeranos do Espírito Santo definem culturalmente a partir de sua etnicidade, a partir de seu *ethus* camponês e a partir de sua religiosidade, ou seja, para ser um pomerano, é necessário pertencer etnicamente ao grupo, compartilhar o seu modo de vida e também a sua religiosidade. A igreja luterana, nesse sentido, constitui-se uma das maiores fontes identitárias dos pomeranos. Portanto, ao chegarem em Rondônia, os migrantes procuraram recriar o seu universo, seus valores e costumes, produzidos ao longo de sua história. Ao recriar o *ethus* cultural, no entanto, há uma resignificação, pois cultura não é o conjunto de tradições e costumes que possam ser transplantados. Para definir cultura, Meyer apóia-se em Rattansi Donald, quando diz que cultura é o “conjunto dos ‘processos, categorias e conhecimentos através dos quais as comunidades são definidas (e se definem) de formas específicas e diferenciadas”” Portanto, a cultura está em transformação e é construída por instâncias de poder e de resistência (DAGMAR MEYER *apud* Apud LINK, p: 63).

O conceito de fronteira étnica atua como estratégia de resistência às mudanças ou influências que possam abalar seus valores, símbolos ou significados culturais que possa enfraquecê-los, principalmente modificar seu modo de vida. Dessa forma, as fronteiras nos propõem entender os elementos culturais mais expressivos e significativos de sua identidade étnica para explicar tal fenômeno. Em uma cultura cujo território há muito extinto do cenário geográfico europeu, e um povo condenado à dispersão, mesmo assim continua vivo, preservando ou ressignificando as estruturas de sua identidade, em uma região e em condições sociais e econômicas bem diferentes daquelas de onde vieram seus antepassados.

A manutenção ou reprodução dos *habitus* e a imposição de fronteiras étnicas como estratégia de sobrevivência cultural, social ou como estratégia política e econômica de um grupo étnico para manter-se na terra e sobreviver economicamente pode ser entendida após analisar desde sua chegada ao Brasil, quando se estabelecem no Espírito Santo, mantendo sua forma de vida, através da organização familiar, na divisão do trabalho, no tipo de produção, etc.

Os Pomeranos iniciaram o processo de imigração para o Brasil entre os anos de 1859 e 1874, por motivos de dificuldades de sobrevivência em seu país de origem, a extinta Pomerânia (ex-província da Prússia), situada ao norte da Polônia e da Alemanha Oriental. O país era alvo e desejo de conquista e dominação dos poloneses e alemães que almejavam conquistar todo o mar Báltico. Vítima de constantes conflitos, da fome, da miséria, precariedade de terra e trabalho, falta de liberdade religiosa (luteranismo), levaram os Pomeranos ao desejo e à necessidade de emigrar para lugares onde pudessem ter uma melhor perspectiva de vida.

No caso em questão, a religião e a vocação agrícola são fatores determinantes para manutenção de sua etnicidade, considerando que ambas se completam nessa função dialética em que os ensinamentos da igreja servem de base simbólica ou ideológica, e a agricultura de base material para a manutenção da identidade pomerana, ou seja, a religião atua como formadora do ethos voltado para o trabalho. Considerando ser a Pomerânia um dos últimos países a abandonarem o feudalismo e ter pouco conhecimento do processo de industrialização.

Levando em conta as palavras de Joana Bahia (2011), ao afirmar que sempre ouvia dos Pomeranos em sua pesquisa, o ditado: “quanto mais colono mais pomerano se é. E aqueles pomeranos que se mudam para as cidades, são

considerados menos pomeranos”. Estas palavras demonstram claramente que a reprodução do modo de vida pomerano está condicionada à existência das condições materiais necessárias à manutenção de um *ethos* camponês consolidado em um modo de vida próprio.

Considerando a possibilidade de aquisição de terras e a existência da criação de sua igreja, podemos entender que a saída forçada dos Pomeranos para outras terras sem esboçar resistência estava amparada também pela perspectiva religiosa de alcançar a “canaã”, pois era comum entre os Pomeranos a crença da peregrinação ao encontro da terra prometida. Em sua resenha sobre a tese de doutorado *O Tiro da Bruxa*, Joana Bahia (2011, p. 255), posteriormente editada em livro, menciona a existência do provérbio “Aos primeiros, a morte. Aos segundos a miséria. Aos terceiros, o pão”. Essa forma de representação, segundo a autora, foi paulatinamente sendo construída pelo *ethos*⁶ do trabalhador camponês, desde a primeira geração que compreende o período de 1847 a 1900.

A crença religiosa luterana juntamente com a necessidade de sobrevivência do grupo associado ao trabalho baseada na agricultura familiar, favoreceu a manutenção e a reprodução de sua identidade étnica, considerando que a terra para os imigrantes pomeranos tem o mesmo significado de “colônia”, pois segundo Bahia:

a colônia é usada pelos pomeranos em oposição à área urbana (...) constitui uma unidade básica de produção (...) a concepção de família camponesa está estritamente vinculada a ideia de colônia (...) a palavra colono é usada como afirmação da identidade étnica e social, ou seja, imigrante camponês de origem pomerana (2011, p. 47).

Mas se por um lado os Pomeranos foram favorecidos por encontrar refúgio em um lugar que lhe parecia adequado ao desenvolvimento de sua cultura, mas por outro lado se depararam com conflitos étnicos, o que os levou a fortalecer seus laços pelos elementos de sua tradição como o casamento entre membros do grupo, mantendo o sistema de herança adotado por eles como forma de manutenção do grupo, em que só os filhos homens recebem parte da terra ao

⁶ Ethos. Palavra de origem grega, que significa “caráter moral”. Descreve o conjunto de hábitos ou crença que definem uma comunidade ou nação. Ethos pode ainda designar as características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma determinada pessoa ou cultura.

casarem, ficando a maior parte para o filho mais novo, que terá a incumbência de tomar conta dos pais e só herdará o restante da terra após sua morte.

Através das festas como demonstração de solidariedade e poder, do uso permanente da língua materna dificultando a interação com pessoas de outros grupos, e muitos outros elementos manifestos que se apresentam como forma de resistência ou estratégias, ou mais precisamente como fronteiras étnicas. Essas fronteiras étnicas tem o objetivo de se precaver do perigo e ameaça de perdas da sua identidade por processos que possam corromper as estruturas de sua identidade, fragilizando o grupo, pois o projeto de nação brasileira divulgado pelo governo criava a expectativa de que os imigrantes brancos teriam a incumbência de desenvolver um processo de miscigenação com os brasileiros, ao ponto de que em pouco tempo aumentaria a população branca no Brasil. Essas expectativas bateriam de frente com os princípios da identidade étnica dos Pomeranos.

Os Pomeranos mostravam-se extremamente unidos por laços étnicos muito fortes e pela própria necessidade de sobrevivência, encontrava-se em uma situação no mínimo inconveniente. Pois, se por um lado, teriam que fazer concessões e serem induzidos a promover íntima convivência e interagir com os brasileiros natos (os donos da casa), por outro lado, sentiam-se ameaçados naquilo que lhe era mais importante, ter que abrir mão de algumas crenças, valores, traços culturais, e correr o risco de assistir à extinção de sua identidade, em detrimento de um projeto governamental brasileiro.

Dessa forma, foi criada uma situação muito difícil, pois se já vieram fugidos de situação semelhante, em que tiveram de abandonar suas terras para defender sua nacionalidade, como seria possível atender a esta exigência dos anfitriões?

Estava montado o palco para o eterno conflito em um jogo discreto e silencioso, cuja linguagem e ações estariam carregadas de símbolos que seriam a chave para preservação de um estilo de vida iniciado muito tempo por seus antepassados. Se os Pomeranos traziam malas cheias de histórias e tradições, encontravam no Brasil um clima de acontecimentos, decisões e transformações que implicaria na história de relações de submissão velada ou explícita entre esses povos, que iria influenciar não apenas no início da relação, mas como veremos mais adiante, até a quarta geração pomerana, que será aquela a qual dedicaremos maior atenção, por se tratar dos que vivem hoje nas terras de Rondônia.

CAPÍTULO II

ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL ENTRE OS POMERANOS

2.1 A Colonização e os primeiros contatos

Logo quando chegaram, em 1969, aconteceram os primeiros contatos mesmo que superficiais ou conflituosos entre Pomeranos e índios Suruí que já habitavam aquela região, antes mesmo de qualquer colonizador, e durante algum tempo mantiveram apenas contatos visuais. Mas de acordo com alguns entrevistados, entre eles o Sr. Martino Tech, 78 anos de idade, um dos pioneiros em Espigão do Oeste, que chegou em 1969. Ao ser entrevistado sobre os primeiros contatos com os indígenas, afirmou que:

no início os Suruí⁷ ficavam espiando de longe, e nós espantados pegava as espingarda, facão, o que tivesse pra se defender e ficava de tocaia a noite toda acordado, com medo de ser atacado. Mas com o passar do tempo, a gente foi se acostumando e até trocamos sinal. Depois foi tranquilo, alguns dos nossos até tiveram coragem e chegaram perto deles e até fez negócio com eles, trocava coisas, camisa e calção principalmente trocado por caça, fruta, pele de animal e às vezes até ouro.

O contato com os povos indígenas por parte dos Pomeranos permaneceu muito limitado até hoje. As terras de Rondônia na época contavam com baixa densidade populacional, principalmente nas proximidades da região onde os Pomeranos se estabeleceram. Os contatos com outras pessoas se limitavam de acordo com as necessidades, e geralmente eram feitos com os poucos garimpeiros e caboclos seringueiros, oriundos da construção da linha de telégrafo e da BR 364, que ainda resistiam vivendo à beira do rio de forma isolada. Na realidade, a concentração maior da população do ex-território habitavam na mesorregião Madeira-Guaporé, microrregião de Porto Velho - RO e Guajará-Mirim - RO, onde funcionou a estrada de ferro Madeira-Mamoré, muito utilizada no ciclo da borracha em que se concentrava a grande maioria da população e existia uma infraestrutura

⁷ Os suruí são um grupo indígena brasileiro dos estados de Rondônia e Mato Grosso. Eles se autodenominam paíter, que significa "gente de verdade, nós mesmos". Falam a língua paíter-suruí, que pertence à família linguística mondé e ao grupo linguístico tupi.

econômica razoavelmente desenvolvida, devido à presença dos ingleses que haviam implantado a ferrovia utilizada para o deslocamento da produção de borracha, para ser embarcada no porto da capital.

2.1.1 O Estado de Rondônia e sua ocupação



2.1.2 Contexto geográfico

O estado de Rondônia está dividido em mesorregiões denominadas de Leste Rondoniense e Madeira-Guaporé. A primeira é dividida em seis microrregiões: Ariquemes, Ji-Paraná, Alvorada do Oeste, Cacoal, Vilhena e Colorado do Oeste. A segunda, em duas: Porto Velho e Guajará-Mirim. Os Pomeranos ocuparam principalmente a micro-região de Cacoal, a qual pertencia Espigão do Oeste e a de Ariquemes, onde até hoje são minoria. De acordo com o último censo, a população de Espigão do Oeste conta com 32.712 habitantes, densidade demográfica de 6,36 habitantes por Km². Infelizmente não obtivemos dados oficiais que constatassem o número exato de descendentes de Pomeranos no município, entretanto, parte do senso comum, a afirmação de que 40% da população são descendentes de Pomeranos.

No final da década de 1960, o processo de colonização tinha como um de seus objetivos, o cumprimento da finalidade social, a implantação do Estatuto da Terra⁸, instituído em 1966, que de acordo com (SANTOS, 1999, PASSIM), sociologicamente, tratava-se de reprodução de relações sociais capitalistas; geograficamente, tratou-se da construção de especialidades socializadas ou de formas públicas de propriedade, resultante da intervenção do Estado na economia terem coincidido com o terceiro período da Colonização agrícola denominada técnico-territorial envolvendo desde objetivos geopolíticos na forma de assentamentos estratégicos, como no caso de fronteira e margeamento da BR 364, até os imperativos econômicos, na forma de fomento à monocultura para exportação. Esse novo processo de ocupação da Amazônia tinha as mesmas características da expansão de fronteiras econômicas iniciado no norte do Estado do Paraná e Mato Grosso.

⁸ Estatuto da terra; foi criado pela Lei 4.504, de 30 de novembro de 1964. As metas estabelecidas pelo Estatuto da Terra eram basicamente duas: a execução de uma reforma agrária e o desenvolvimento da agricultura. Considerado a forma com o legalmente se encontra disciplinado o uso, ocupação e relações fundiárias no Brasil, tendo a obrigação de garantir o direito ao acesso a terra para quem nela vive e trabalha.

Segundo histórico da Secretaria de Educação e Cultura de Espigão do Oeste (Semec, 1988) em 1966, na cidade de Andradina - SP, durante uma reunião familiar na casa de João Tranquilo Melhorança, os irmãos José Cândido Melhorança e Romeu Melhorança ouviram no rádio uma nota do governo que convidava os brasileiros para a integração da Bacia Amazônica. O espírito empreendedor aliado ao de desbravador estimulou os Melhorança que, decidiram, imediatamente realizar uma viagem para o Acre, com o objetivo de conhecer melhor a região e também por estar mais próxima de sua cidade que o Estado do Amazonas.

Depois de uma longa jornada e muito sacrifício chegaram ao Acre, mas não se sentiram muito atraídos por aquela região. Na volta dessa empreitada passando por Pimenta Bueno - RO resolveram parar naquela vila, e no dia 13 de abril do mesmo ano, quando estavam às margens do Rio Barão de Melgaço, tiveram um encontro histórico com o Sr. Raimundo Euclides Barbosa, administrador local que, sabedor das suas intenções os convidou para ficarem, mudando, assim, o rumo de suas vidas.

Assim decididos retornaram à Andradina, onde organizaram uma empresa colonizadora a qual recebeu o nome de Itaporanga (Ita=pedra, Poranga=dura) e, em fevereiro de 1967, deram início à tão sonhada colonização. Partindo de Pimenta Bueno, deixaram a BR-29 e iniciaram um caminho de 28 Km que apesar das dificuldades encontradas, chegaram ao alto de uma colina, a qual foi chamada Espigão. Surgiu em seguida um núcleo civilizado, com a construção de pequenas casas de palha e paredes de coqueiros para os colonos que recebiam lotes na vila para morar e áreas demarcadas no setor rural. (Espigão D'Oeste - Sua história - sua gente. 1988, p:26 - Secretaria de Educação e Cultura - Semec).

De acordo com documentos da Secretaria de Educação e Cultura (SEMEC. 1988. p. 26), no ano de 1969 Espigão do Oeste já era uma vila, e em 12 de agosto de 1970, foi plantado um cruzeiro pelo Pe. Vicente Vanin Manins e, junto a este cruzeiro foi enterrada uma garrafa, contendo em seu interior um papel com os nomes das pessoas que participaram do evento. Na ocasião não foi celebrada a 1ª missa por falta de vinho, que só veio a acontecer no dia 07 de setembro do mesmo ano, celebrada pelo Pe. Adolfo Rool. Nos anos seguintes, especificamente em 1975, vários acontecimentos marcaram tragicamente o povo que lutava por um futuro melhor, entre eles os primeiros Pomeranos. A principal situação foi causada durante reunião para legalização das terras junto ao Incra: A Colonizadora Itaporanga dividia os lotes em 2.000 hectares e cobrava dos colonos apenas o trabalho de topografia,

ou seja, a demarcação dos lotes, apesar de que alguns depoimentos de Pomeranos pioneiros declararem que: houve muita confusão, as terras eram vendidas muitas vezes por supostos proprietários, outras vezes a mais de uma pessoa, gerando muitos conflitos e muitos terminaram perdendo as terras que compraram e tiveram de esperar pela demarcação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra, que só regularizava as terras se os lotes fossem reduzidos a 100 hectares e se os colonos retirassem um interdito probatório que eles haviam impetrado contra o Incra como medida de garantia da posse das terras que já habitavam. Porém, em reunião com o Incra, a proposta foi acatada principalmente por aqueles que não tinham terras demarcadas ou perdido o que tinha. Protesto dos colonos mais antigos que tinham terras adquiridas pela demarcação da Itaporanga, houve uma revolta geral quando receberam a notícia de que funcionários do Incra viriam dividir as terras, indignados, os colonos decidiram serrar a ponte sobre o Igarapé Amola Faca para impedir a passagem dos funcionários do Incra, mas nesse mesmo dia, 28 de abril de 1975, policiais armados invadiram a Vila de Espigão e espancaram os trabalhadores e várias pessoas, entre elas os Melhorança, que ali estavam como representantes da empresa Itaporanga também foram presos. Sendo libertadas após muita luta e muito esforço, em compensação a tanto sofrimento conseguiram logo em seguida a esses incidentes os documentos de posse das terras.

A organização administrativa de Espigão do Oeste só começou a funcionar definitivamente em 1974, quando foi criado um Conselho Comunitário, tendo como presidente e responsável pela administração o Sr. José Salla, que permaneceu até o ano de 1977, após esta data assume a administração o Sr. Dilson Rodrigues Bello. Em 03 de março de 1977, é criado o Sub-Distrito de Espigão do Oeste, ligado à Pimenta Bueno, em janeiro de 1978 foi estabelecido o núcleo administrativo ficando oficializado como 1º administrador o Sr. Dilson Rodrigues Bello, que exerceu esta função até 1980, passando suas funções para o Sr. Félix José da Silva, que administrou o Sub-Distrito até sua emancipação em 1981. Espigão do Oeste foi desmembrado do município de Pimenta Bueno passando a município. Foi criado pela Lei n ° 6. 921, de 16 de junho de 1981 e instalado em 13 de novembro do mesmo ano, sendo nomeado para prefeito, na época, o Sr. Levino Dias Parrnejiani.

Em 1976 e em abril de 1987 o boletim das Novas Áreas de Colonização - NAC, da Igreja Luterana, fez um levantamento no Encontro de lideranças de

comunidades do Distrito Eclesiástico Regional Noroeste - DERN, com a finalidade de fornecer ao Departamento de imigração do Encontro de Coordenação e Atualização da Amazônia - ECAM, que reúne pastores das igrejas luteranas, técnicos em agricultura e saúde das Novas Áreas de Colonização, para traçar um perfil dos habitantes da zona rural de Espigão do Oeste. A finalidade maior da pesquisa da NAC era avaliar como estaria a situação do povo imigrante e da sua vida em geral, a fim de verificar se a Igreja Luterana estaria correspondendo às expectativas dos mesmos em relação ao papel que deveria desempenhar.

O resultado da pesquisa detectou a necessidade de algumas mudanças de atitude da igreja em relação à admissibilidade da língua pomerana nos cultos e o maior engajamento em favor dos membros Pomeranos, que eram a maioria. Esta reação da igreja pode ser entendida de duas maneiras.

Em primeiro lugar como reivindicação dos colonos pela valorização de elementos significativos de sua identidade, que estavam cada vez mais sendo colocados em cheque por representantes do governo brasileiro.

Em segundo lugar pela tomada de posição da Igreja em favor de seus membros na luta pela consolidação de direitos políticos e cidadania dos colonos. A NAC constatou também um aumento significativo da população, a população de Rondônia que somava 141 mil habitantes em 1970, passou para 560 mil em 1980, a maior taxa de crescimento populacional do país e que, em 1976, a zona rural de Espigão do Oeste já contava com 400 famílias de Pomeranos no município. (Jacob, 2001. P. 35).

Podemos afirmar que no primeiro momento, o aumento exorbitante da população rondoniense causou forte impacto, atingindo indiretamente a colônia pomerana de Espigão. Mas não os afetaram diretamente em sua identidade, considerando que, as questões culturais resistiram bastante às intervenções de outra cultura, e graças às estratégias adotadas por eles, que para se protegerem da discriminação e exploração por parte de outros povos, principalmente de especuladores de terra e golpistas, procuraram o isolamento e atitudes endoculturais, como também resguardaram os aspectos de sua cultura mantendo-se unidos. Ocuparam terras que não ficavam às margens de BR, por serem muito cobiçadas e além de muito caras, a maioria já havia sido ocupadas por pessoas de posses e influência política, que muitas vezes transferiram seus investimentos para

a região norte, alguns até com incentivos governamentais ou mesmo por facilidades política.

Procuraram também não ocupar terras de fronteiras com a Bolívia, pois além de menos valiosa, a mata era muito difícil de ser derrubada, havia maior concentração de tribos indígenas, o que se tornava sujeito a conflitos, além do mais, tinha o acesso muito restrito devido à falta de estradas. Ocuparam maciçamente terras mais ao leste, próximas do Mato Grosso, essas terras apesar do difícil acesso não ficavam tão distante das vilas que surgiram às margens da BR 364, por outro lado ainda não haviam sido desbravadas e pertenciam ao território de domínio indígena, Suruí e Cinta Larga⁹, o que levou muito tempo aguardando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra regularizar o título de posse, mesmo as compradas a particulares ou demarcadas por empresas privadas autorizadas pelo governo, como é o caso da Itaporanga.

Os pequenos núcleos populacionais ficavam muito distantes de suas terras, para ir a pé tinham que andar em média de 30 a 40 km de distância para chegar a municípios como Pimenta Bueno e Cacoal. As estradas eram precárias e de difícil acesso, principalmente durante o período chuvoso, ficavam intransitáveis, dificultando o deslocamento de pessoas doentes aos hospitais e também o escoamento da produção destinada ao mercado.

Durante a década de 1960/1970, os vilarejos situados às margens da BR 364, que surgiram devido à instalação da linha telegráfica pelo Marechal Cândido Rondon¹⁰ e sua equipe de trabalhadores que abriram as primeiras picadas nas décadas anteriores deixaram pequenos aglomerados que viriam a se tornar vila.

⁹ Cintas-largas são um povo indígena, assim chamado pelos primeiros invasores dos seus territórios, por ostentarem uma espécie de cinturão, feito de entrecasca de uma árvore – o tauari. Este nome foi posteriormente adotado pela Fundação Nacional do Índio. Embora a denominação cinta-larga seja usada para designar um conjunto de grupos indígenas caçadores, habitantes das terras que se estendem do leste de Rondônia ao noroeste do Mato Grosso, trata-se, na verdade, de grupos distintos que se autodeterminam Kabã, Kabin e Mã e que têm língua e cultura semelhante.

¹⁰ Marechal Rondon, de origem indígena por parte de seus bisavós maternos (Bororó e Terena) e bisavó paterna (Guará), nasceu em 1865 no Mato Grosso e logo cedo mudou-se para o Rio de Janeiro onde ingressou na Escola Militar, em 1881 alistou-se no 3º Regimento de Infantaria. cursou Matemática e Ciências Físicas e Naturais na Escola Superior de Guerra. Participou do movimento abolicionista e republicano, posteriormente cumpriu a missão de abrir caminhos, desbravando terras, lançando linhas, desbravando terras, lançando linhas telegráficas, fazendo mapeamentos de terrenos e estabelecendo relações com os índios Bororo. Em 1889 participou da articulação que resultou na proclamação da república juntamente com Benjamim Constant. Em 1907 recebeu a incumbência de construir a linha de telegrafo Cuiabá a Santo Antônio do Madeira. Na mesma época estava sendo construída a ferrovia Madeira-Mamoré. Em 1º de janeiro de 1915 Rondon concluiu sua missão com a inauguração da estação telegráfica de Santo Antônio do Madeira no estado de Rondônia.

Inicialmente, passaram a ser habitados por soldados da borracha, posteriormente serviram de ponto de parada para caminhoneiros e pequenos comerciantes. Com o passar do tempo, ganharam uma infraestrutura oficial mínima como: uma sede administrativa, correios, um pequeno hospital sem muita estrutura e as primeiras escolas de ensino primário. Habitavam também caboclos oriundos da região Norte e Nordeste sobreviventes do ciclo da borracha que teria entrado em decadência no final da II Guerra Mundial. Os que restaram ficaram no trabalho remunerado da derrubada da floresta para extração de madeira e formação de pasto para os novos colonos, principalmente os grandes proprietários que viriam a investir na agricultura e posteriormente também na pecuária. Nesse contexto, aqueles que os Pomeranos mais se aproximaram e até certo ponto se aliaram foram os migrantes nordestinos, talvez por terem em comum a afinidade com a terra. Observamos também que os imigrantes do sul do país, descendentes de alemão ou italiano, consideram-se brasileiros de primeira categoria, ou seja, distinguem-se publicamente dos Pomeranos, tratando-os como os “alemão”, e fazendo questão de deixar claro que não pertencem àquela etnia. Esse também pode ser um dos fatores que levaram ao distanciamento social entre os dois grupos.

Na mesma época, a crise do café afetou as regiões Sul e Sudeste, trazendo para Rondônia migrantes capixabas, mineiros, paranaenses (principalmente do norte do Paraná) e também gaúchos, que passaram a investir na compra de terras a baixo custo, investindo no plantio de cacau e café, investiram também em pequenos comércios à beira da estrada como: bares, pequenas pousadas, serrarias, pequenas oficinas para consertos de carros e máquinas, e ao perceberem que a região estava, cada dia mais povoada passaram a acreditar no seu desenvolvimento e ampliaram aos poucos seus negócios. Outros investiam na compra da produção agrícola, principalmente de cacau e café, com o objetivo de fretarem transporte rumo aos compradores do estado de São Paulo e seguirem para exportação pelo porto de Santos, o que se tornou uma prática corriqueira até hoje em Rondônia.

Na periferia das vilas e na beira dos rios habitavam familiares de garimpeiros, agricultores que tinham perdido suas terras por falta de recursos para investir nela, ou pela distância da rodovia, ou por não terem conseguido desmatá-la da intensa floresta para poder plantar, e as abandonavam ou vendiam a qualquer preço a outros proprietários de poder aquisitivo maior. Esses proprietários não

perdiam a oportunidade de ampliar suas propriedades, iniciando a formação dos primeiros grandes latifúndios. O restante, sem terra, seguia para os núcleos urbanos servindo de mão de obra na prestação de serviços temporários, engrossando o subemprego local.

Já assentados em Espigão do Oeste, que na época era distrito de Pimenta Bueno, os Pomeranos começaram a desenvolver a agricultura familiar que já era tradição entre eles, como enfatiza Schwartz:

A reprodução social desses agricultores familiares está relacionada à presença de uma racionalidade vinculada as suas tradições culturais e valores herdados dos seus antepassados. As unidades de produção familiares têm como características principais, uma organização interna fundamentada no trabalho familiar e processos particulares de sucessão hereditária (...) não é seu maior patrimônio, mas é parte do seu “modo de vida” (SCHWARTZ, 2009, p. 03).

Por outro lado, Amaral (2004, p. 45), chama a atenção para as características da moderna forma de colonização da Amazônia, “cujo objetivo é impedir que um número considerável de indivíduos passe a ter acesso a terra e ao mesmo tempo em que não se tornam trabalhadores assalariados”. Exatamente como o que acabamos de descrever anteriormente, contrariando a lógica capitalista, os grupos de trabalhadores sob o regime de trabalho não propriamente capitalista (agricultura familiar), ou na mais rudimentar etapa do capitalismo, eram desestimulados pelo governo para serem utilizados em atividades de derrubada de grandes áreas de florestas virgens para formação de lavouras de curto ciclo, para que os proprietários de grandes porções de terra retirassem a madeira nobre que era levada para fora do estado ou mesmo para exportação e posteriormente formassem pastagem. Resultando atualmente na expansão da pecuária, fazendo com que o estado de Rondônia hoje ocupe uma das primeiras colocações entre os maiores produtores de gado do país.

2.1.3 Modo de produção dos Pomeranos

A maneira como a grande maioria dos Pomeranos de Espigão do Oeste ocupou e trabalha suas terras caminha em direção contrária ao modelo de capitalismo predatório, exceto na produção de café enquanto monocultura, pois foge à lógica da agricultura familiar, em que atualmente estão bem afinados com o

processo de produção para exportação. Condicionando, assim, maior parte de sua lavoura ou totalmente ao mercado externo. Podemos dizer que sob esse aspecto, os Pomeranos não só produzem agricultura de subsistência, mas ressignificaram seu modo de produzir de maneira a atender as exigências do capitalismo como estratégia de sobrevivência em relação ao restante da população local.

Mas ao mesmo tempo dão continuidade à reprodução de seu modo de vida. Sob esse aspecto, podemos afirmar que houve uma estratégia para ultrapassagem de fronteira e uma ressignificação de sua tradição agrária. Dessa forma, os Pomeranos obtiveram o suficiente para manter a tradição da agricultura familiar, e de sua organização social e econômica capaz de se manter viva no cenário político e econômico, ao mesmo tempo em que conseguem acompanhar o ritmo do poder de consumo e não se submeterem à necessidade de trabalhar para os outros. De acordo com Tavares dos Santos, “Houve, no Brasil meridional, durante os anos 70, um longo processo de expulsão de certas camadas do campesinato, tanto por causa da concentração fundiária, quanto das condições econômicas sobre as pequenas propriedades rurais” (1989, p. 12). Este fato levou os pequenos agricultores a migrarem para as novas terras, principalmente os nordestinos, onde a lavoura canavieira se intensificava devorando toda e qualquer possibilidade dos pequenos agricultores permanecerem em suas propriedades. Amaral (2004, PASSIM) estabelece algumas estratégias utilizadas pelo Programa de Integração Nacional - PIN, que tiveram muita influência na dinâmica de colonização da Amazônia durante a década de 70. Como por exemplo:

- a) Deslocar as fronteiras econômicas através da atividade agrícola até o rio Amazonas;
- b) Integrar a estratégia de ocupação da Amazônia e a estratégia de desenvolvimento do Nordeste, procurando alternativas de desenvolvimento para ambas as regiões;
- c) Remanejar mão de obra do Nordeste para a Amazônia, evitando o seu deslocamento no sentido das grandes áreas urbanas do Centro-Sul;
- d) Criar condições para a incorporação da Amazônia à economia de mercado, envolvendo amplas faixas da população anteriormente dissolvida na economia de subsistência, condenadas à estagnação tecnológica.

Estes argumentos aliados à decadência do Ciclo da Borracha, que desde a década de 1940 mobilizou grande contingente de nordestino na condição de soldado

da borracha já são suficientes para explicar a presença maciça deste grupo bem antes dos Pomeranos na Amazônia, principalmente na mesorregião de Porto Velho - RO.

O que nos deixa intrigados é como os Pomeranos conseguiram driblar algumas estratégias do governo brasileiro, descrita por Amaral durante um período de tempo tão longo. Acreditamos que um dos fatores decisivos foi a orientação da igreja Luterana nesse processo. Consideramos também que a resistência dos colonos ao projeto ideológico do governo não é uma exclusividade dos Pomeranos. Essa minifundialização também ocorreu entre os colonos da mesorregião de Porto Velho, pois ao observarem que estaria havendo a fragmentação de seus lotes, simultaneamente a um processo de reconcentração fundiária também houve resistência de outros grupos étnicos.

Amaral (2004) nos chama a atenção para que na iminência de serem expropriados, os colonos veem na agregação a forma de resistirem ao capital, e cita Lopes (1983):

Uma estratégia de sobrevivência dos pequenos produtores e trabalhadores sem terra que se tornam agregados daqueles, nas áreas de expansão de fronteiras agrícolas e no âmbito dos projetos de colonização oficial, ela reafirma a existência de processo de expropriação que está se verificando na área, na medida em que aponta para uma perspectiva de fragmentação da pequena propriedade (1983, p. 71).

Para evitar cair no processo de fragmentação proposto pelo governo os Pomeranos evitam um contato intensivo com outros grupos étnicos, o que intencionalmente ou não contribuiu sobremaneira para a preservação de sua etnicidade. Com relação às duas formas de produzir encontradas na região, entendemos que mesmo havendo semelhança entre agricultura de subsistência e agricultura familiar, fica evidente a diferença entre o *ethos* que determina a forma de racionalidade que estrutura as distintas organizações culturais, na sua forma de produzir para o resultado final de suas ações.

Ao analisarmos alguns elementos étnicos como a divisão do trabalho, a questão da herança e a crença na ética do trabalho que compõem os diferentes grupos e são determinantes para que possamos entender o motivo pelo qual os Pomeranos tenham maior êxito econômico no desempenho de suas atividades econômicas em relação a outros grupos, levou-nos a crer que um dos fatores mais relevantes, seja a influência da religião luterana na forma de orientação e

organização familiar e na divisão dos papéis entre os membros das famílias e das comunidades, principalmente na conduta, no trabalho e a tradição agrária que os acompanha por todo esse tempo.

2.1.4 O papel da Igreja Luterana para os Pomeranos

A relação histórica entre Pomeranos e luteranismo, na orientação do processo migratório em todas as regiões do Brasil que se fizeram presentes, tema bastante explorado por Max Weber (2004), ao se referir à cultura alemã do século XIX. Em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, estabelece uma estreita relação entre o comportamento de alguns segmentos religiosos da Alemanha e sua conduta adequada à verdadeira essência do desenvolvimento do capitalismo. Nas palavras de Link (2004), “a igreja luterana aparece para os Pomeranos como garantia de um instituto capaz de gerir e dar proteção ao seu grupo”.

Assim, à medida que os pomeranos do Espírito Santo ficavam sabendo que em Rondônia existiam terras que poderiam ser compradas a preço mais acessível, que já moravam outros pomeranos ali e que também a igreja (Luterana) já estava atendendo aquela região, embarcavam rumo ao “novo território” (LINK, 2004, p. 20).

Por outro lado, a grande maioria dos nordestinos é de orientação religiosa Católica, religião esta que ao contrário dos luteranos, prega um comportamento muitas vezes messiânico, totalmente desprovido de qualquer tipo de orientação ou racionalidade laboral ao ponto de criar um *ethos* econômico. Ao contrário dos luteranos, não planejam suas ações, sua forma de organização. São desprovidos de cautela e prevenção aos tempos futuros, ficando a desejar a lógica da produção capitalista que necessita planejamento de produção e consumo, mesmo para uma família. E também não estabelecem valores objetivos de conduta a ser seguida por seus fiéis para atingirem seus objetivos de vida, ao contrário dos protestantes.

“Vês um homem diligente em seus afazeres? Ele estará acima dos reis”, (Provérbios 22; 29) (...) Na verdade, essa ideia tão peculiar do dever do indivíduo em relação à carreira, que nos é familiar atualmente, mas na realidade tão pouco óbvia, é o que há de mais característico na ética social da cultura capitalista e, em certo sentido constitui sua base fundamental (WEBER, p. 21, 2ª edição. Pioneira).

É verdadeiro afirmar que os Pomeranos estão entre os últimos povos a abandonar o feudalismo e continuaram vivendo de acordo com a fase pré-industrial do capitalismo, mas nem por isso ficou totalmente fora da ética econômica da cultura capitalista. Vale salientar que se desenvolveram e se reproduziram de acordo com os ensinamentos da Igreja Luterana que herdou diversos valores do Calvinismo, doutrina que deu origem a esta nova forma de conduta. Mesmo antes de se evadirem pela Europa, e posteriormente para a América, já estavam convivendo com o mundo industrializado até mesmo antes de chegarem a Rondônia. E mantiveram contato com o capitalismo no sudeste do Brasil por um determinado período de tempo até chegarem a Rondônia, entretanto mantiveram sua identidade étnica sem ter de abrir mão de todos seus elementos culturais.

Mesmo considerando o estágio de pouco desenvolvimento industrial em que se encontrava o país, mas a lógica do capital já estava em desenvolvimento, o que pode ser considerado suficiente para pressionar sua adesão a uma nova conduta, indo de encontro ao *ethos* religioso luterano e sua forma de produção econômica como um dos complexos culturais, primordial contido na cultura pomerana. Porém, há de se considerar que as especificidades da organização social pomerana que resiste ao modelo agrícola da monocultura que estava sendo desenvolvido no Brasil sob a égide da “incorporação de todo o território nacional à economia do Centro-Sul e mundial, incluindo-se nesse processo, a incorporação de espaços que ainda não estivesse integrado ao modo de produção capitalista”. Se não conseguiu integrar geopoliticamente os Pomeranos a este modelo, incluiu parte de sua cultura atrelando-os a uma forma de produção agrícola, como é o caso da cultura do café, obrigando-os a se integrarem à lógica da monocultura como exigência do mercado globalizado.

2.1.5 Surge a pequena burguesia entre os Pomeranos

Logo quando chegaram a Espigão do Oeste, os Pomeranos resolviam praticamente todos seus problemas de abastecimento entre si. De vez em quando era necessário que alguns homens se juntassem para fazer uma viagem até a vila mais próxima em busca de produtos manufaturados, tais como: equipamentos de trabalho, utensílios domésticos e algum tipo de mantimento necessário que não

pudesse ser obtido entre eles, como o querosene, o fósforo, produtos de higiene, remédios, entre outros. Também aproveitavam para vender o excedente de sua produção. Mas, com o decorrer do tempo, alguém de fora do grupo ou mesmo um Pomerano que não se dera muito bem como agricultor ou ao observar que poderia tirar proveito da situação, resolve investir no comércio.

Surgiu, assim, a tradicional "venda" da colônia, entre as comunidades pomeranas, ao mesmo tempo em que surge um novo tipo de sujeito entre os colonos, o vendeiro, detentor de um pequeno mercado, que passa a desempenhar alguns papéis diferenciados na comunidade.

2.1.6 A Venda e o vendeiro

A venda ficava localizada na entrada das linhas seguindo quase o mesmo princípio dos "burgos", localizavam-se em pontos estratégicos, como as esquinas, pontos de convergências entre as linhas rurais e as estradas. As linhas formavam um sistema de tráfego adotado na demarcação das terras, planejado a partir de uma lógica de facilitação das entradas e saídas para as propriedades rurais (lotes) mais distantes, iniciando na estrada principal mais próxima da saída para o escoamento da produção onde poderia encontrar a convergência de um local propício ao encontro de colonos que circulavam rumo às vilas. Este local terminou tornando-se um núcleo de encontro entre colonos de diversas comunidades, e foi a partir do surgimento da venda que surgiram os locais de negócios e encontro de trabalhadores desprovidos de terras, ou mesmo pessoas que procuravam qualquer tipo de trabalho, e vendedores ambulantes que aproveitavam do local para comercializar seus produtos.

A venda foi além do comércio de produtos manufaturados, tornou-se também um ponto de compra e venda do excedente da produção por atravessadores que compravam dos pequenos produtores e embarcavam para o mercado externo. O que no futuro deu origem às "maquinas" cerealistas, que eram grandes galpões em que os "maquinistas" compravam as pequenas produções e as embarcavam para o porto de Santos – SP, onde eram exportadas por grandes investidores.

O vendeiro passa a se mostrar um verdadeiro burguês, além de próspero comerciante passa a ser um “representante” do povo, recebendo cartas para os colonos, ponto de referência para reuniões com representantes do poder público, entre outras atividades sociais. E quanto mais poderoso economicamente, maior campo de poder e ação ele ocupava, passa a vender fiado para receber na época da colheita, geralmente utilizando o sistema denominado por eles como “compra na folha”, que funcionava da seguinte maneira: no período da entressafra, o agricultor que precisava de dinheiro procurava o dono da venda e recebia um crédito em dinheiro ou em produtos, principalmente para manutenção da lavoura. O crédito era dado no valor da saca de café no dia do empréstimo, sendo este valor estipulado pelo vendeiro à capacidade de produção da plantação do café, determinada pelo comprador, que no período da safra cobrava o débito em sacas de café. Por exemplo: quando o agricultor solicitava o empréstimo, o crédito lhe era concedido em valor relativo ao da saca de café do dia, e quando era cobrado, pagava em número de saca de café independente do valor que ele estivesse no dia. Dessa forma, o vendeiro sempre deixava para cobrar quando o preço do café estava em alta, exercendo assim o domínio sobre alguns produtores, aproveitando-se de situações como seca ou excesso de chuvas, época em que o colono não consegue produzir ou quando a produção era fraca e muitas vezes, ficava endividado tendo que vender um pedaço de terra para pagar suas dívidas, muitas vezes ao próprio vendeiro.

A função político-social do vendeiro também se destaca, longe dos poderes públicos, muitos desses donos de ‘vendas’ ocupam um papel de intermediação entre os colonos. Muitos vendeiros realmente fazem muito pelos colonos, agindo como se fossem advogados, delegados e intérpretes. De certa forma, esses vendeiros são oficialmente autorizados pela omissão dos representantes dos órgãos oficiais que não querem enfrentar a dificuldade de acesso à zona rural de Espigão do Oeste (PESSOA, 1995, p. 122).

O vendeiro adquire uma forte influência social ao mesmo tempo um papel de destaque dotado de muito poder político e econômico, passando a ser visto pelas famílias dos agricultores com certo crédito e admiração, ao mesmo tempo com desconfiança, como diz o poeta “a mão que bate é a mesma que afaga”, ou seja, passa a ser visto como um sujeito instruído e que traz desenvolvimento para os Pomeranos. Mas ao mesmo tempo é esperto e sabe tirar vantagem das situações. Na época, os vendeiros tornaram-se fortes cabos eleitorais como representantes dos

Pomeranos. De acordo com Pessoa (1995, PASSIM), os mais velhos sempre enxergaram os vendeiros como má influência para os Pomeranos, “porque comprando tudo o que eles produzem, impedem uma organização cooperativista entre os pomeranos, como sempre acontecia quando nos faziam mutirões”. O que nos leva a entender que a disseminação de suas ideias e suas ações já não compactua com a antiga lógica da racionalidade aplicada ao estilo de vida Pomerano. Assim, “segundo os velhos da comunidade, o pomerano começa a ver o vizinho como um adversário e não mais como um companheiro”. Esta percepção retrata uma ruptura no *ethos* original da cultura pomerana, rumo a uma situação de mudança para um estágio mais agressivo do capitalismo. Situação em que as fronteiras étnicas devem ser acionadas para cumprir seu papel de impedimento ou reprodução no rompimento dos traços culturais de um grupo que questiona o futuro de sua etnicidade, e ao mesmo tempo sente que alguns aspectos desta mudança, além de se fazerem necessários, não mais sofrerão retrocesso, e a partir desse momento terão de ser incorporados da forma menos impactante a sua cultura e ressignificados em seus *habitus*.

A partir desse fenômeno, duas novas situações aparecem no contexto da divisão do trabalho: a primeira é que, além do vendeiro aparece uma nova especialidade dentro do comércio: o maquinista de café. Uma espécie de empresário comprador de café que, além de comprar, também beneficiava e ensacava para exportação e as transportadoras de café, dirigida por um transportador que na realidade era um sujeito com um pouco mais de habilidade, que criava um escritório, cadastrava caminhoneiros e vendia seu serviço de transporte com caminhões de terceiros, faturando a partir da confiança e do status nele depositado pelos compradores e maquinistas de café.

Quanto à situação da compra de terra dos endividados leva a um novo desfecho da situação, a terra começa a passar para as mãos dos latifundiários do café e/ou posteriormente para a criação de gado, ou quando o pedaço de terra não era tão significativo para os latifundiários ou mesmo os pequenos proprietários que as podia comprar, ia parar na mão de outras pessoas, como profissionais liberais, funcionários públicos ou pequenos comerciantes, que tinham o desejo de ter um sítio ou chácara para descanso ou lazer com a família nos finais de semana ou mesmo para sede de clubes e associações classistas.

2.1.7 Os Melhoranças

O termo “melhorança” apareceu pela segunda vez com a conotação de empreendedorismo (ver pág. 71) durante a pesquisa de campo em conversa com um dos pioneiros que chegou a Espigão do Oeste em 1969, que presidiu e ajudou a construir a primeira Igreja Luterana do Brasil, no início da década de 1970, quando Espigão do Oeste ainda era vila. Atualmente esse pioneiro é vice-presidente da Associação Pomerana de Espigão do Oeste. Ao ser inquirido a respeito desse termo, ele confidenciou que, atualmente esta expressão ocorre em referência à família paranaense Melhorança, fundadora da empresa Itaporanga, que deu início às primeiras demarcações de terra em Espigão do Oeste, ou seja, melhorança pode ser utilizado como sinônimo de empreendedor ou quem é bem de situação, bem instruído (formado). São aqueles pomeranos que preservam suas tradições, mas são defensores do progresso e do desenvolvimento do capitalismo.

Em 2001, por discordância interna na igreja, Martino Tech juntamente com uns 300 membros, entre eles alguns melhorança, formaram dissidência de sua antiga igreja alegando o distanciamento dos pastores da realidade pomerana e resolveram trazer para Espigão a Igreja Evangélica Luterana Renascer, com sede no centro da cidade. Apesar de não querer ser objetivo nas respostas as minhas perguntas, tudo leva a crer que há uma disputa visível pelo poder a respeito da forma de encaminhamento doutrinário e pragmático dos membros da igreja, pois devemos considerar, que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana foi consolidada há pouco tempo, e ainda guarda consigo traumas de seu passado recente. Como afirma Link (2004. P. 95), “Encerrando a fase de solidificação da unidade da igreja, foi decidido que a Federação Sinodal, por ocasião do IV Concílio em 1962, passaria a se chamar Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil”.

Martino Tech, de alto poder aquisitivo e grande influência política e econômica, além de grande comerciante também é fazendeiro. Ao ser inquirido sobre as classes sociais existentes entre os Pomeranos na atualidade em Espigão do Oeste, mencionou que existem os agricultores que vivem nas comunidades agrícolas ou colônia (agricultores familiares) existem os que não possuem terra e trabalham para os outros, podendo ser agricultor ou profissional sem qualificação definida, uma espécie de classe trabalhadora e os funcionários públicos de nível

superior que, juntamente com os comerciantes e profissionais liberais formam uma classe, e os grandes proprietários, que são os Melhorança.

Explicou que os Melhorança são aqueles Pomeranos que se destacaram economicamente e tem um estilo de vida mais urbano, sua vida é mais voltada para o lado empresarial ou grandes fazendas, moram na cidade, e são favoráveis à expansão do contato dos Pomeranos com o mundo além das comunidades; adeptos do desenvolvimento urbano e econômico para todos os Pomeranos e não-pomeranos, interferem na política local reivindicando abertura de estradas para o escoamento da produção e o fácil acesso aos centros urbanos, melhorias nas condições de saúde, ampliação da escolaridade, formação técnica ou universitária para os filhos, que por sua vez já não se consideram tão “Pomeranos” e nem se importam mais com a língua de origem nem com as tradições. Seus filhos geralmente defendem o desenvolvimento e a mudança de mentalidade, um estilo de vida moderno e diferente, e não mais parecido com o que os antigos viviam.

Essa elite é detentora das maiores lojas, mercados e prestadoras de serviços do município, tem grande influência política e econômica, seus filhos estudam em faculdades em outros municípios e levam um modo de vida mais globalizado. Apesar disto, ainda valorizam a terra, se não mantêm grandes fazendas de café e gado, mantêm um sítio para o lazer e finais de semana. São os maiores promotores de eventos da cidade, sejam eles relacionados diretamente as suas tradições ou não, mas sua visão é mais empreendedora que cultural. Existe também um grupo de menor poder aquisitivo, mas com mentalidade de “melhorança”, grupo este representado por assalariados ou pequenos comerciantes de produtos caseiros produzidos pelas mulheres da família, mães, irmãs, etc. como, Brot (pão de milho), pano de prato e conservas de legumes e frutas, linguiça e muitos outros.

Essas pessoas vivem fora da zona rural e procuram a escola por iniciativa própria, apesar da vida simples, voltada para o mundo urbano e globalizado, muitos deles têm conflitos com os pais por conta de não quererem seguir a formação rígida e tradicional determinada por eles. Tem como expectativa um estilo de vida confortável e consumista. Eles também exercem altos cargos na IELR.

Certamente esse novo tipo de estratificação entre agricultores e burguesia, deve ter surgido após sua vinda para o Brasil, assim como as já mencionadas festas de sua produção, pois todos os estudos sobre a origem desse povo apontam para o trabalho agrícola sem se referir a atividades comerciais em

larga escala, até mesmo porque os Pomeranos foram um dos últimos povos senão o último a abandonar o feudalismo.

Certamente, um mesmo grupo de indivíduos, com suas próprias ideias e valores, posto diante das diferentes oportunidades oferecidas por diferentes meios, se veria obrigado a adotar diferentes padrões de existência e a institucionalizar diferentes formas de conduta (DIEGO VILLAR *apud* (BARTH 1976 a:15).

Há de observar que este processo de estratificação está previsto por Barth em qualquer tipo de grupo étnico, ao afirmar que “Quando um grupo étnico controla os meios de produção utilizados por outro grupo, prevalece uma relação de desigualdade e estratificação”, o que necessariamente não altera os limites da fronteira com outros grupos.

2.1.8 Estratificação

Como já dissemos antes, a tradição agrária pomerana ainda está muito arraigada ao seu modo de vida, mesmo depois de chegarem a Rondônia, mas com o passar do tempo a convivência com os brasileiros, principalmente pela necessidade de obtenção de produtos e serviços que não possuíam, foi aos poucos desenvolvendo novas atividades e formas de interação social não só entre Pomeranos e brasileiros, mas entre os próprios Pomeranos. Algumas dessas novas formas de interação levaram a novas formas de pensar e agir, que com o passar do tempo e de maneira quase imperceptível operaram mudanças em seu modo de vida e, conseqüentemente em seus *habitus*, criando entre eles novas formas de relacionamento e de produzir que atendessem às novas demandas materiais e imateriais necessárias ao novo estágio de desenvolvimento do grupo, levando aos poucos alguns sujeitos da colônia a aderirem e agirem de maneira semelhante aos brasileiros, principalmente no sentido de suprir suas necessidades na aquisição de produtos que não fosse a troca. Fazendo surgir entre eles os primeiros negociantes, que antes levavam seus produtos às vilas e traziam o que lhe pediam para trazer aquilo que não tinham acesso na colônia.

Desenvolveram-se também novas formas de pensamento adequadas à nova lógica do mercado. Alguns deles, aos poucos foram acumulando capital e criando pequenos postos de comércio denominado de “venda” como já dissemos antes, que além de suprirem a necessidade de seu povo, tiravam vantagem de uma situação que antes não existia na divisão do trabalho entre os colonos pomeranos, passando a reproduzir em seu grupo essa nova maneira de incrementar a circulação e acumulação de capital. Dessa maneira, surgem os primeiros capitalistas na acepção da palavra entre os colonos, mesmo tentando preservar suas tradições nada evitou ou limitou o contato permanente e a dependência entre os negociantes pomeranos e não-pomeranos, pois no final das contas a fonte material primeira permanecia nas mãos de empresários e comerciantes brasileiros mais poderosos. O que exigia dos Pomeranos a capacidade de apoderar-se da lógica capitalista em seu dia-a-dia, abrindo mão de alguns princípios e tradições de seu grupo. Alguns deles chegando ao ponto de quebrarem algumas fronteiras étnicas e esquecerem ou serem obrigados a reproduzirem poucos traços de sua etnia nas relações sociais com membros do próprio grupo, criando um novo *ethos* econômico não apenas na hora de negociar ou estabelecer relação de trabalho com as pessoas, mas com novos *habitus*, inclusive no seu próprio grupo.

Essa nova forma de pensar e agir entre os Pomeranos detentores de maior poder econômico cria uma via de mão dupla entre os que possuem o capital e os que possuem o trabalho, o comportamento daqueles que progrediram mais no sentido capitalista, de acordo com as próprias palavras dos entrevistados mais idosos passam a se diferenciar também na forma de se relacionar com os outros, pois é notória, sua ideologia burguesa se torna evidente.

Ao analisarmos algumas Teorias da Estratificação para entendermos esse processo entre os Pomeranos de Espigão do Oeste, observamos nas Teorias de Max Weber concepções mais apropriadas ao nosso objeto de pesquisa. Considerando que sua Sociologia Compreensiva não contempla interpretações totalizantes, Weber se interessa por compreender teoricamente eventos em sua singularidade, “Dessa forma, fragmentos da realidade são colocados em realce por meio da especificidade de um objeto recortado”.

Weber (1991, PASSIM) destaca que a classe é definida por um número de pessoas que comungam em suas oportunidades de vida, um mesmo componente causal específico, esse componente é exclusivamente representado por interesses

de cunho econômico da posse de bens, das oportunidades de renda, das condições do mercado de produtos e do mercado de trabalho. O que nos leva a considerar que, no que se refere ao grupo pesquisado, torna-se mais adequada à utilização desse caminho para se chegar à compreensão dessa transformação de uma situação agrária aparentemente uniforme ou praticamente hegemônica de um grupo para uma situação de classes sem perder todos os traços étnicos.

[...] situação de classe, que podemos expressar mais sucintamente como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida exteriores e experiências pessoais de vida, e na medida em que essa oportunidade é determinada pelo volume e tipo de poder, ou falta deles, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. A palavra classe refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontram na mesma situação de classe (WEBER, 1974, p.212).

Nesse sentido, Weber (2004) indica que a emergência do capitalismo, entendido como cultura e não como modo de produção, desenvolve um racionalismo econômico, com o uso disciplinado do dinheiro, garantindo uma nova mentalidade ou um novo *ethos* econômico expresso em um estilo de vida. Embora haja muitas divergências em relação ao pensamento de Marx, que aparece com muita força ao se falar em divisão de classes, mas para nosso estudo, por se tratar de um grupo bastante específico em um contexto peculiar, acreditamos que esta concepção se apresenta como a mais adequada em relação a alguns outros conceitos de classe em que suas generalizações totalizantes ficam a desejar, tornando-se até superficial a compreensão da estratificação e composição das classes sociais entre os Pomeranos.

Logo após sua chegada a Rondônia, alguns Pomeranos começaram a sobressair-se no grupo pelo distanciamento do trabalho agrícola e partiram para outras atividades. Na realidade, eram pessoas que assumiam o papel de trazer as mercadorias ao alcance dos colonos, esses sujeitos foram aos poucos acumulando capital em forma de terra, mercadorias, dinheiro de empréstimos concedidos a outras pessoas, a juros, e contratando mão de obra assalariada, fazendo uso da mais-valia, conseqüentemente adquiriram poder, prestígio e liderança. Considerando sua posição no *status* superior do grupo, adicionado a outros fatores, sob a ótica weberiana, são considerados fatores determinantes para se constituir a classe proprietária, privilegiada, detentora de uma série de monopólios relativos à venda de

produtos, à formação de poupança, à constituição de patrimônios e à possibilidade de viver de renda. Entretanto, nenhum deles passou a viver só de renda, pois o trabalho, independente da idade, não está fora de suas vidas, faz parte de seus valores sociais, até mesmo dos mais jovens. Curiosamente em todas as etapas da pesquisa na zona rural, não tive a oportunidade de observar crianças brincando, todas desempenhavam algum tipo de atividade produtiva junto à família.

Esta divisão do trabalho, que implica todas estas contradições e repousa por sua vez sobre a divisão natural do trabalho na família e sobre a divisão da sociedade em famílias isoladas (...) dá, portanto origem a propriedades cuja primeira forma, reside na família, onde a mulher e as crianças são escravas do homem. A escravatura, decerto ainda muito rudimentar e latente na família, é a primeira propriedade (MARX E ENGELS, 1999. p. 38).

Seguindo este raciocínio, chegaremos à exploração da mais-valia desde a agricultura familiar pomerana se considerar, que o pai permanece o maior proprietário (sistema hereditário) até o dia de sua morte, até hoje com o trabalho assalariado, o que parece mais convincente para explicação da mais-valia. Já na obra de Weber, situação como a que estamos tratando, é vista como tradicionalismo.

Este é um exemplo do que queremos significar aqui por tradicionalismo. O homem não deseja “naturalmente” ganhar mais e mais dinheiro, mas viver simplesmente como foi acostumado a viver e ganhar o necessário para isso. Onde quer que o capitalismo moderno tenha começado sua ação de aumentar a produtividade do trabalho humano aumentando sua intensidade, tem encontrado a teimosíssima resistência desse traço orientador do trabalho pré-capitalista. E ainda hoje a encontra, e por mais atrasadas que sejam as forças de trabalho (do ponto de vista capitalista) com que tenha de lidar (WEBER, 2004. p. 24).

Nas palavras de Weber, apesar do reconhecimento da existência de outra possibilidade de vida mais abastada e que o apelo para o “instinto aquisitivo” através de maiores salários falhou, teria sido necessário tentar a política oposta, para forçar o trabalhador reduzindo o valor da tarefa, obrigando-o a trabalhar mais para ganhar o mesmo dinheiro. Weber conclui que: “tudo o que é pago em salários parece envolver uma redução de lucros correspondente, e desde seu início, o capitalismo trilhou repetidas vezes esse caminho”, afirmando que o trabalho deve ser executado como se fosse um fim absoluto em si mesmo, como uma vocação.

Antes mesmo de tratar do problema da mais-valia, Marx (1999) inicia sua análise da divisão de classes como um estágio bastante avançado do

desenvolvimento histórico das relações de produção nascidas do trabalho rudimentar da agricultura ao afirmar que:

Na medida em que não constitui apenas uma mera extensão quantitativa das forças produtivas já conhecidas (como, por exemplo, o aproveitamento de terras incultas), qualquer nova força de produção tem por consequência um novo aperfeiçoamento da divisão do trabalho. (...) A posição de quaisquer subdivisões particulares relativamente às outras é condicionada pelo modo de exploração do trabalho agrícola (MARX E ENGELS, 1999. p. 13).

Weber (1974, PASSIM), conclui que as classes se estratificam de acordo com suas relações de produção e aquisição de bens, e o modo como os indivíduos estão organizados socialmente requer o compartilhamento de relações sociais, ou seja, o entendimento mútuo da coerência do esquema de estratificação faz com que o sentido de tais princípios seja comungado pela coletividade envolvida neste arranjo estrutural. Inicialmente há uma grande semelhança com o pensamento de Marx, o que fica difícil de aceitar é a parte em que existe uma comunhão harmônica e aceitável entre os indivíduos das diferentes classes.

Por outro lado, Marx e Engels (1999) afirmam que “cada estágio da divisão do trabalho determina igualmente as relações entre os indivíduos no que toca à matéria, aos instrumentos e aos produtos do trabalho”. O pensamento de Marx a esse respeito parece muito bem empregado dentro desse contexto.

2.1.9 A Classe dos Melhoranços

Atualmente os Melhoranços fazem parte de uma elite econômica e política, pois exercem poder não só entre os Pomeranos, mas entre as autoridades executiva e legislativa da cidade e até da região, além de participarem de conselhos, associação de produtores e comerciantes que determinam ou deliberam sobre as decisões no setor público e privado. O processo de estruturação dessa classe sofreu influência de vários fatores. Para se chegar ao topo da pirâmide social, esse grupo teve seu desenvolvimento muito semelhante às análises descritas por Weber (2004), principalmente pela intensa presença e participação da igreja Luterana enquanto religião protestante, no sentido de seguir quase que ao pé da letra a orientação da IECLB, que por sua vez seguia orientação da matriz alemã que durante muito tempo

ajudou na manutenção do *ethos* religioso, influenciando na celebração dos cultos e nas visitas às famílias e comunidades pomeranas.

Outro fator de grande relevância que serviu de suporte para manutenção da ordem econômica durante a consolidação do processo de estratificação foi a preservação da atividade agrária pela maioria dos colonos, herdada por eles do campesinato europeu, ficando bastante evidente no percurso e na transição deste grupo que foi do campo até o nível atual de inserção no capitalismo e de certo modo mantendo na medida do possível a racionalidade de seu modo de vida em suas classes.

Via de regra não foram especuladores temerários e inescrupulosos, aventureiros econômicos, que encontramos em todos os períodos da história econômica, mas simplesmente grandes financistas que promoveram essa mudança, aparentemente imperceptível, mas na verdade tão decisiva para a penetração do novo espírito na vida econômica. Pelo contrário, foram homens crescidos na dura escola da vida, calculando e arriscando ao mesmo tempo, acima de tudo sóbrios e confiáveis, perspicazes e completamente devotados a seu negócio, com princípios e opiniões estritamente burgueses (WEBER, 2004, p. 29).

2.1.10 Vocação ao Trabalho

A afirmação Weberiana de que a emergência do capitalismo, entendido também como cultura e não apenas como modo de produção, possibilitou que um espírito capitalista, peculiar se desenvolvesse entre os protestantes como um novo *ethos*. Aqui estabelecemos uma considerável relação com os Pomeranos, mostrando que mesmo depois de se tornarem capitalista em nível bem mais avançado que antes, a força da religião ainda exerce grande influência em seu modo de vida. E que, ao mesmo tempo, seus vínculos com suas tradições não foram de todo abandonados. À medida que, em seus lares e em seu cotidiano ainda prevalecem certo tradicionalismo ao ponto de se manterem não só como referência econômica, mas também como base religiosa muito presente na estrutura familiar representada pelo patriarcado e outros traços culturais da sua identidade étnica relacionados aos ensinamentos da igreja.

Esse fenômeno pôde ser percebido quando observamos o resultado da primeira e segunda etapa de nossa pesquisa de campo, e identificamos que os

empresários entrevistados, apesar do alto poder aquisitivo estabelecem um *ethos* ou uma racionalidade em seu modo de vida burguês, diferenciando-se da nova burguesia não esbanjam sua fortuna. Levam um estilo de vida até certo ponto muito simples em relação aos empresários de origem não-pomerana, cujo estilo de vida atual do capitalismo se tornou extremamente consumista e extravagante. Ao contrário desta postura eles estão sempre procurando investimentos mais conservadores, como terra, gado e comércio, sem apelar para investimentos de alto risco como mercado financeiro e outros do gênero. Apesar de possuidores de grandes lojas não costumam criar filiais, para que o controle da mesma esteja sempre sobre suas vistas ou nas mãos dos herdeiros, além de não esbanjarem grandes excessos.

Não te permitas pensar que tens de fato tudo o que possuis, e viver de acordo. Esse é um erro em que caem muitos que têm crédito. Para evitar isso, mantenha por algum tempo uma contabilidade exata de tuas despesas e tuas receitas. Se, de início te deres ao trabalho de mencionar os detalhes, isso terá este bom efeito: descobrirás que mesmo pequenas e insignificantes despesas se acumulam em grandes somas, e discernirás o que poderia ter sido e o que poderá ser, no futuro, poupado sem causar grandes inconvenientes. (WEBER *Apud* FRANKLIN, 2004. p. 19).

Outro fenômeno curioso é que seus filhos são educados de forma que, para usufruir desses bens, tem que fazer por merecer, ou seja, manter-se e trabalhar junto aos pais nos bens da família. Aqueles que se afastarem por motivos que não seja o casamento ou por motivo de trabalho ou estudo, não serão excluídos do seio da família, mas terão sua participação bastante limitada nos negócios e na participação da renda, diferentemente dos outros membros da família que atuam ativamente nos negócios. Weber (2004) entende que a explicação para esse comportamento diferente dos católicos deve ser procurada no caráter intrínseco permanente de sua crença religiosa, e não apenas em situações temporárias externas, históricas e políticas.

O surgimento desta nova classe empresarial conhecida como Melhorança, provocou um fenômeno novo entre os Pomeranos, sejam eles de qualquer classe social, pois os Melhoranças servem de referência no que se refere ao uso de novas tecnologias desde máquinas agrícolas até eletrodomésticos e eletrônicos, e difundindo o uso de motocicleta como meio de transporte,

principalmente na zona rural, inserindo moda, entre os mais jovens, como música e forma de se vestir.

Mesmo com tudo isso, não conseguiu extinguir o uso da língua materna entre as famílias mais conservadoras e principalmente do campo, mas diminuiu a frequência dos jovens nos cultos religiosos. Por outro lado fortaleceu as lembranças de suas origens, através do financiamento das festas tradicionais e mantendo duas emissoras de rádio pomeranas no município.

Nas colônias de imigrantes estrangeiros no sul do Brasil, naquelas em que participaram os imigrantes de origem totalmente germânica, devido ao contexto de ocupação do território mediante a colonização baseada na pequena propriedade familiar, os processos de diferenciação interna, formação de classes e ascensão social, aconteceram juntamente com a cristalização da identidade étnica teuto-brasileira¹¹, ancorada na especificidade cultural e na interação voltada especificamente para o próprio grupo, em contraste com o imperativo da assimilação cultural ditada pelo nacionalismo brasileiro como condição de cidadania. Até porque inicialmente, não lhe foi dada a condição de cidadania brasileira e durante muitos anos foram tratados como colonos, como é o caso de Blumenau, em que o objetivo inicial foi exatamente criar um “pedaço da Alemanha” no Brasil para servir de modelo de desenvolvimento agrário para os brasileiros.

De fato, não importa muito se as colônias eram particulares ou oficiais, pois o modelo de ocupação era um só para todas: visava a implementação de um sistema fundiário que privilegiava a pequena propriedade familiar, recebida por compra, a prazo, em terras públicas, sob controle da legislação e do Ministério da Agricultura. O objetivo principal era o povoamento do território com pequenos produtores rurais, preferencialmente imigrantes europeus. O Vale do Itajaí é um exemplo característico da política imigratória voltada para a colonização. Ao iniciar a ocupação sistemática, em 1850, excetuando as famílias remanescentes dos projetos de 1835 e 1846, além de pequenos grupos indígenas, havia apenas alguns posseiros, cuja principal atividade era a extração de madeira, mesmo assim na região mais próxima à vila de Itajaí. Nas duas principais colônias — Brusque e Blumenau — os primeiros imigrantes chegaram pelo rio e, coincidência ou

¹¹ Teuto-brasileira. A definição de uma etnicidade teuto-brasileira se dá por seu comprometimento com as qualidades intrínsecas do grupo étnico. Os comerciantes e industriais tinham papel destacado nas associações, e alguns deles controlavam os jornais, principais veículos para textos que reverenciavam o pertencimento étnico e reivindicavam uma identidade teuto-brasileira. A palavra *Deutschtum* tem dois sentidos que convergem para compor a etnicidade teuto-brasileira: expressa o sentimento de superioridade do “trabalho alemão” — e, neste caso, remete ao progresso trazido pelos pioneiros à “selva” brasileira — e define o pertencimento à etnia alemã, estabelecendo seus critérios — língua, raça, usos, costumes, instituições, cultura alemães (SEYFERTH. 1999. p. 74).

não, fixaram o núcleo inicial justamente no ponto onde os rios Itajaí-mirim e Itajaí-açu deixam de ser navegáveis. Os colonos Seyferth (1999, p.63).

Giralda Seyferth (1999, p.64-68) estabelece alguns fatores que acreditamos ser determinantes para explicação dos diferentes processos de estratificação entre Rondônia e Santa Catarina. Identificamos que o modelo de demarcação das terras em Santa Catarina, especificamente em Blumenau, incluía lotes urbanos, bem menores, destinados aos prestadores de serviços, comerciantes, administração, igrejas etc., localizados junto ao rio em área reservada à futura vila. Esse tipo de núcleo deu origem à maioria das cidades que hoje são sedes municipais, e que os alemães denominavam Stadtplatz¹². Assim, a ocupação das terras iniciou-se a partir de um local demarcado com lotes urbanos, as linhas coloniais seguindo primeiro o rio principal e se ramificando depois pelos afluentes em um afastamento progressivo de ocupação de terras cada vez menos apropriadas à lavoura. Em segundo lugar, o conhecimento de algum ofício de artesão, são fatores de diferenciação importantes nas primeiras décadas de ocupação do território no século XIX, haja vista que esse tipo de atividade profissional levou os alemães mais cedo ao mercado de trabalho urbano-industrial.

Por outro lado, o primeiro ponto a se considerar é que esse segmento rural produzido pela colonização nada tem de homogêneo; embora diferenciado, as distâncias sociais eram pequenas, e o principal efeito do regime de pequena propriedade familiar, foi a constituição de uma classe média rural relativamente estável, uma estabilidade garantida também pelo próprio instituto da migração dedicado aos imigrantes de Blumenau.

O segundo ponto diz respeito ao destino dos migrantes ao repetir o ciclo pioneiro dos pais em outra colônia próxima ou distante, ou dirigir-se às cidades em formação para obter emprego nas indústrias que surgiram no início do período

¹² Stadtplatz. Diz respeito a forma de ocupação dos lotes, com construção de moradia permanente (o colono devia residir na sua propriedade rural e não em áreas demarcadas com "lotes urbanos"). Como resultado, não houve formação de aldeias camponesas de tipo europeu, prevalecendo o modelo de povoamento disperso, definido por Waibel (1958) e Roche (1969), em que a unidade social comunitária era formada pelos ocupantes de uma linha. O modelo de demarcação das terras também incluía lotes urbanos, bem menores, destinados a prestadores de serviços, comerciantes, administração, igrejas etc. Esse tipo de núcleo deu origem à maioria das cidades que hoje são sedes municipais, e que os alemães denominavam Stadtplatz. (SEYFERTH.1999. PASSIM. 64-65).

republicano. Temos que considerar que essa diferença se deve a alguns fatores determinantes no favorecimento ao desenvolvimento equilibrado dessas colônias em relação aos Pomeranos. Os alemães foram favorecidos pelo planejamento, pela região em que se instalaram e pelo estágio de desenvolvimento capitalista em que se encontravam e pelo incentivo do próprio governo brasileiro e alguns industriais alemães responsáveis pelo surgimento das primeiras indústrias no sul do Brasil.

2.1.11 A Classe Intermediária

Agora fica mais fácil entender o processo de reprodução da divisão do trabalho emergindo do capitalismo como cultura entre os Pomeranos, pois o surgimento de uma classe empresarial burguesa cria a necessidade de suprir os novos papéis sociais nas categorias subsequentes, como uma reação em cadeia para suprir as necessidades deixadas pela complexidade da solidariedade orgânica, que ao se desenvolver cria uma rede pulsante de atividades específicas e interdependente, denominada por Durkheim como os contra-papéis que por sua vez promoverão toda uma relação de interdependência entre os sujeitos que atuaram nessa relação de produção.

A partir daí, as famílias que não conseguiram se sobressair nessa nova situação, devido principalmente à concorrência intrínseca e própria desta nova ordem econômica, tinha como opção continuar na agricultura pela velha e segura fórmula: família, trabalho e terra ou aderir a uma situação intermediária dotada de muita complexidade de papéis, em que a camada desprovida de capital, mas consciente da sua condição de força do trabalho irá aderir a uma nova dinâmica nas relações de produção entre a camada superior e o restante do grupo. Este passa agora à procura de ocupação no mercado de trabalho, seja na condição de mão de obra no comércio, na indústria ou na prestação de serviços.

Esse fenômeno motivou o deslocamento de jovens, principalmente de famílias mais numerosas a tomarem o rumo do campo para a cidade, a fim de levarem uma vida mais independente e confortável, apartando-se do núcleo de sua família para tentar integrar-se aos “benefícios” dessa nova ordem econômica que se tornou bastante atrativa aos seus olhos, levando-os a se comportarem e aderirem a novos valores bem diferentes dos habituais de sua comunidade de origem, por

entenderem que quanto mais diversas as oportunidades de trabalho, maior seriam as chances de se tornarem melhorança.

Conseqüentemente, as condições de vida desses jovens ou mesmo das famílias que se deslocam do campo para a cidade, motivadas pela perda de suas terras ou por novas expectativas que, através do capital poderiam adquirir bens, mais conforto e aumentar a possibilidade de consumo. Mas na prática não estavam no mesmo nível daquelas que já se estruturaram enquanto classe superior. Iniciaram uma jornada rumo à prosperidade, muitas vezes, trabalhando na roça até quase o horário do ensino noturno e com um pouco de insistência terminar o ensino médio e quem sabe melhorar sua fonte de renda e seu prestígio. Com um pouco de sorte, tornando-se trabalhador do comércio ou da indústria local, sendo obrigado a morar na cidade. Alguns deles deixaram suas terras, mas não obtiveram tanto êxito nem nos estudos nem no trabalho. Trata-se da mão de obra não qualificada. Passam a viver na periferia da cidade e a trabalhar em empregos sem função definida, como serrarias, oficinas etc. ou vendendo produtos confeccionados pelas mulheres de suas famílias, principalmente gêneros alimentícios para vender nas feiras ou como ambulantes.

Com algumas exceções, alguns conseguem atingir um nível mais elevado ao se tornarem profissionais liberais, funcionários públicos ou trabalhadores especializados no comércio ou prestação de serviços, inserindo-se na classe média local juntamente com pequenos comerciantes e trabalhadores qualificados. Sobre este aspecto Marx e Engels tecem alguns comentários apropriados a tal situação.

O terceiro aspecto que intervém diretamente no desenvolvimento histórico é o fato de que os homens que em cada dia renovam a sua própria vida, criarem outros homens e a mulher, os pais e os filhos, a família. Esta família, que é inicialmente a única relação social, transforma-se numa relação subalterna quando o acréscimo das necessidades engendra novas relações sociais e o crescimento da população dá origem a novas necessidades (1999. p 32).

Todo esse movimento também vai exigir um novo tipo de comportamento de acordo com esta nova situação a qual Weber denomina de “situação de classe”. Esta nova situação levará os sujeitos que nela se encontram a abrirem mão de certos valores originários de seu grupo de origem para se adequarem a novos valores que tiveram que aderir ao passarem para esta nova situação, ou seja, as

fronteiras começam a ser ultrapassadas, resultando na reprodução de novos elementos em sua identidade.

Esta nova classe passa a criar novos *habitus*, no sentido de que os sujeitos passam a ter suas vidas absorvidas por uma nova ideologia, que segue uma lógica própria, diferente e estranha e não apenas regrada pelos valores de suas tradições, mas por valores próprios do capitalismo, podendo ser entendidos como o grande responsável pela quebra das fronteiras étnicas e à criação das novas estratégias de reprodução da etnicidade pomerana.

É nesse ponto que o pensamento de Marx serve de base ao de Weber, quando ele substitui o termo “modo de produção” para “cultura de produção”, que nas palavras do próprio Marx (1999) quando ele descreve que:

Esta contradição entre o interesse particular e o interesse coletivo faz com que o interesse coletivo adquira uma forma independente, separada dos interesses reais do indivíduo e do coletivo tomando simultaneamente a aparência ilusória, mas sempre sobre a base concreta dos laços existentes em cada conglomerado familiar, como os laços de sangue, língua, na divisão do trabalho quando atinge larga escala e em outros interesses, que são ressaltados os interesses das classes condicionados pela divisão do trabalho (p. 38-39).

Tanto em Marx como em Weber, o ponto em comum a respeito do rompimento das fronteiras étnicas e a reprodução da cultura de um grupo ao passar de um estágio da produção agrária para uma etapa mais desenvolvida do capitalismo se dá principalmente pelas exigências determinadas pela divisão do trabalho.

Nossa intenção aqui não é esgotar os limites estabelecidos pelas fronteiras que separam essas novas classes sociais, sejam do ponto de vista marxista ou weberiano, mas explicar como vem acontecendo o desdobramento deste processo desde a chegada dos Pomeranos ao município de Espigão do Oeste, no início da década de 1970 até os dias atuais, levando em consideração a manutenção e a reprodução de elementos étnicos no decorrer do processo, tomando como referência o conceito de fronteira étnica, de acordo com Fredrik Barth (2011), ressaltando a importância das estratégias adotadas para a sobrevivência desses elementos étnicos ou sua reprodução no cotidiano do grupo ao qual estamos pesquisando.

CAPÍTULO III

OS POMERANOS VISTOS PELA TEORIA DAS FRONTEIRAS DE FREDERIK BARTH

O conceito de identidade étnica neste trabalho orienta a identificação de elementos culturais próprios da cultura pomerana, com a intenção de analisar sua permanência, reprodução ou ressignificação em seu cotidiano, com vistas a compreender as estratégias ou circunstâncias que levaram este grupo a adotá-las e levá-la consigo até hoje, no município de Espigão do Oeste do estado de Rondônia.

A fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Isso torna possível a compreensão de uma forma final de manutenção de fronteiras, através da qual as unidades e os limites culturais persistem. Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças nos comportamentos étnicos, isto é, diferenças culturais persistentes (BARTH, 1997. p. 196).

Para um estudo etnográfico, ou uma pesquisa empírica com coleta de dados junto à comunidade observada sobre a etnicidade pomerana, foram examinadas algumas teorias, entretanto, aquela que julgamos mais adequada a nossa análise foi o estudo de Fredrik Barth sobre Grupos Étnicos e suas Fronteiras. Esse estudioso nos dá a noção que “a manutenção das fronteiras da etnicidade não resulta do isolamento, mas da própria inter-relação social”, quanto maior a interação entre os diferentes grupos, mais potente ou marcado será o limite étnico, não somente o contato com outros grupos, mas também o vínculo com o ambiente influirá para que em um contexto determinado manifeste-se ou não uma categoria étnica.

A partir desta premissa, realizamos uma pesquisa empírica no município de Espigão do Oeste entre os dias 17.03.2015 a 22.03.2015, com 11 pomeranos de idade e sexo diferentes, entre casados e solteiros, de condições sociais diferentes, ou seja, aleatória e estratificada em categorias diferentes, residentes no núcleo urbano e no setor rural onde vivem em comunidade, com o intuito de obter a

coleta de dados mais significativa possível (Ver metodologia pg. 11-12). Retornando na semana de sua festa (Pomerfest), culminando entre os dias 25 e 26 de julho de 2016, festa extremamente representativa e simbólica, em que se dá a maior demonstração da vitalidade de sua cultura, língua, religião, tradições alimentares, danças folclóricas, solidariedade social e poder econômico, através de sua produção agrícola. Na ocasião, foram realizadas novas entrevistas informais, conversas e observação direta, no sentido de eliminar os déficits dos dados referentes à incursão anterior, o que nos serviu de releitura do material pesquisado anteriormente. Apesar de ser um grupo étnico com todas as classificações como: crenças, semelhança de aparência, preservação da memória histórica, presença da língua materna, religião e relação com a terra, como eram seus antepassados, mantém forte contato com pessoas e grupos de outras etnias, o que os torna adequado a uma leitura barthiana a respeito do estudo da etnicidade. Considerando que, para Barth a etnicidade se manifesta exatamente na dinâmica da interação social entre os membros de um grupo ou em relação com outros grupos e desta forma os traços culturais se tornam visíveis.

As fronteiras as quais devemos consagrar nossa atenção são, é claro, as fronteiras sociais, se bem que elas possam ter contrapartidas territoriais (...) a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação de interação que permite a persistência das diferenças culturais. O traço organizacional deve ser encontrado em quaisquer relações interétnicas consiste em um conjunto sistemático de regras dirigindo os contatos interétnicos (BARTH, 2011, p. 195-196).

No caso dos Pomeranos ou qualquer outro grupo é inegável a forte presença de elementos culturais nas manifestações étnicas. Entre os Pomeranos a presença da língua materna que permanece até os dias atuais, principalmente entre os mais idosos e os habitantes das comunidades rurais (colônias), em grande parte graças a vontade desse povo em continuar Pomerano, pois desde o século XIX luta contra a dominação germânica e polonesa, que via a Pomerânia como empecilho para o acesso ao mar báltico e ao serem expulsos encontraram na língua uma forma de manter sua identidade. Este é um exemplo fortíssimo do poder cultural e simbólico na pertença deste grupo, considerando que a nação pomerana deixou de existir entre o final do século XIX e o início do século XX, e até hoje a língua exerce um poder muito forte na preservação de sua identidade, chegando ao ponto deste grupo lutar junto à administração municipal de Espigão do Oeste – RO, projeto esse

que não foi levado adiante pelo poder público e posteriormente abandonado pelo grupo. Entretanto, a exigência da permanência de sua língua nos cultos e nas escolas onde seus filhos estudam permanece a duras penas, pois bem antes de chegarem a Rondônia, ainda no Espírito Santo, durante e após a II Guerra Mundial, no governo de Getúlio Vargas foram proibido de falar Pomerano e obrigados a falar Português ou Alemão, línguas controladas a despeito da colonização de Blumenau, que há muito estava integrada ao governo brasileiro, e mais adiante, já em Espigão do Oeste, houve a tentativa da igreja luterana de impedir os cultos em Pomerano, o que não foi aceito e causou conflitos e mudança de pastores luteranos. Porém, o que ficou mais visível em nossa pesquisa é que o mecanismo de reprodução da língua pomerana tem sido a transmissão oral pela mãe no seio dos lares pomeranos, sob uma forte cobrança de *status*, e os homens em rodas sociais, festas e após o culto, conversar em pomerano.

Para Barth as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam, em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informações, mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e na pertença no decorrer da história de suas vidas individuais.

Em segundo lugar, considera-se que relações sociais estáveis, persistentes, muitas vezes, são de uma importância social vital. São mantidas através dessas fronteiras e são frequentemente baseadas, precisamente, nos estatutos étnicos “dicotomizados”, ou seja, “as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes”. A interação em um sistema social como este não leva ao seu desaparecimento imediato; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos.

3.1.1 Delimitação de Fronteira Étnica

A noção de fronteira étnica, elaborada por Barth, marcou uma virada importante na conceptualização dos grupos étnicos e representa um elemento

central na compreensão dos fenômenos de etnicidade. Para que a noção de grupo étnico tenha um sentido é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acreditam que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em outro sistema social, ou seja, as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles.

(...) a noção de ethnic boundary, liga-se à ideia de que são em realidade tais fronteiras étnicas e não o conteúdo cultural de sua persistência. Estabelecer sua distintividade significa, para um grupo, definir um princípio de fechamento e erigir e manter uma fronteira entre ele e os outros a partir de um número limitado de traços culturais (POUTIGNAT, 2011, p. 153).

Estabelecer fronteira a partir da observação de manifestações culturais próprias deste grupo pode ser um princípio para analisar a questão da etnicidade pomerana, pois o princípio barthiano de análise da etnicidade está diretamente ligado à identificação dos traços culturais mais significativos para o grupo, ou seja, os mais evidentes, considerando que uma pesquisa empírica como a que realizamos para identificar os limites das fronteiras étnicas mais expressivas estabeleceu-se maior precisão na identificação dos traços culturais, criando categorias mais palpáveis. Por outro lado, tornaria-se incansável estabelecer todos os limites das fronteiras, considerando que para o “suporte de cultura”, a classificação de pessoas e grupos locais como membros de um grupo étnico deve depender do modo como demonstram os traços particulares da cultura. Barth esclarece bem esta questão ao afirmar que:

(...) dá-se uma importância primordial ao fato de que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas. (...) Em segundo lugar, todos os ensaios aplicam um ponto de vista generativo às análises: mais que nos servimos de uma tipologia de formas dos grupos étnicos e de suas relações, tentando explorar os diferentes processos que parecem estar envolvidos na geração e manutenção de grupos étnicos. Em terceiro lugar, para observar tais processos, deslocamos o foco de investigação da história e da constituição interna de grupos distintos para as fronteiras étnicas e a manutenção dessas fronteiras (BARTH, 2011, p. 189).

Barth entende que uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidade étnica para categorizar a si mesmo e a outros, com o objetivo de interação, eles formam grupos étnicos, neste sentido, organizacional.

As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. Tais categorias podem ter grande importância para o comportamento, mas não precisam necessariamente ser desta forma, elas podem permear toda a vida social, ou podem ser relevantes apenas para setores limitados de atividade. “O traço organizacional que deve ser encontrado em quaisquer relações interétnicas, consiste em um conjunto sistemático de regras dirigindo os contatos interétnicos”.

Identificar como categoria para fins de estudo os aspectos considerados relevantes em setores estratégicos manifestos pelo grupo já seria um recorte de suma importância na análise da identidade pomerana no cotidiano. Este é o ponto de partida de nossa pesquisa.

3.1.2 Identificando as Categorias Étnicas e suas Fronteiras

O fato primordial é que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação dos próprios atores e se caracterizam pela organização da interação entre as pessoas. Não temos aqui a pretensão de sermos exaustivos ao ponto de identificar e analisar todo tipo de categoria, mas pelo menos aquelas que os atores acreditam ser as mais significativas para sustentação da identidade étnica deste grupo.

Baseamo-nos em estudos linguísticos anteriores, realizados por Socorro Pessoa (1995) que verificou alguns traços culturais mais significativos da etnicidade em pesquisa etnográfica, revisados e complementados no decorrer de nossa pesquisa que foram observados e analisados com base na formação e sustentação da identidade étnica, a partir das quais podem ser realçadas por meio de todos os símbolos observáveis que possam ser mobilizados e selecionados para tipificar um grupo social ou utilizada para apresentar um Eu étnico específico.

Para o “suporte de cultura¹³”, seguimos a classificação de pessoas e grupos locais, lembrando que, membros de um grupo étnico devem depender do

¹³ No suporte de cultura, a classificação de pessoas e grupos locais como membros de um grupo étnico deve depender do modo como demonstram os traços particulares da cultura. As diferenças entre grupos tornam-se diferenças nos inventários dos traços; a atenção é dirigida à análise das culturas, não à organização étnica (Barth, 2011. Pag. 191).

modo como demonstram os traços particulares da cultura: “As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças objetivas, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes”. Estas são as orientações dadas por Barth e que seguimos, a partir de Pessoa (1995) por já ter sido dirimido pelo ponto de vista linguístico, o que não impede a identificação de outros elementos ou traços culturais interpretados por outros autores. O que não os tornam menos significativos, muito pelo contrário, são legitimados por terem sido identificados através de pesquisa empírica e confirmados por membros da comunidade como traços culturais mais significativos dentro da família, na religião, na organização do trabalho e nas relações sociais e de trabalho.

3.1.3 A fronteira da língua

Estudos realizados por Socorro Pessoa (1995), afirmam que a língua pomerana pode ser vista como um dialeto do baixo-alemão, também não se tem precisão do surgimento do pomerano. Considerando que é uma língua oral e não escrita, seu registro fica mais difícil, mas é principalmente pela língua que a comunidade pomerana se afirma como tal. Eles rejeitam a identidade alemã ou polonesa, consideram-se Pomerano principalmente pela língua, haja vista, que devido a proximidade geográfica e social entre a Pomerânia, Alemanha e Polônia, muitas vezes lhes são atribuídos a etnicidade dos países vizinhos ou mesmo pela semelhança alimentar e etc. O vocabulário pomerano também sofreu algumas alterações durante o percurso migratório da Pomerânia até o Espírito Santo e depois Rondônia:

Conhecer o percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO, significa conhecer a história do grupo iniciada na Pomerânia. Nessa história, o povo pomerano vivia uma situação de monolinguísmo natural em pomerano que as migrações que se seguiram alteraram profundamente. Da Pomerânia ao Brasil, do Espírito Santo a Espigão D'Oeste, os pomeranos percorreram um mundo novo com o qual necessariamente foram obrigados a conviver. Vemos que ao longo de sua história, muitas coisas mudaram. entre estas, a situação linguística dos pomeranos (1995, p. 218).

A comunidade refere-se a sua variedade linguística como língua pomerana, eles têm na memória que são pomeranos, rejeitam a identidade de alemão ou polonês. Levando em consideração as respostas dos entrevistados a

respeito de sua etnicidade, eles afirmam que não são poloneses nem alemães, os Pomeranos de Espigão do Oeste rejeitam a denominação de alemão e também a identificação como a de poloneses, consideram-se pomeranos da Pomerânia.

Os Pomeranos de Espigão do Oeste têm como língua materna a língua pomerana, usada no cotidiano das famílias, é falada por todos os membros mais velhos e quase todos da zona rural. Na zona urbana os jovens não se interessam tanto em manter a língua original. É justo neste capítulo salientar o papel das mulheres na garantia do aprendizado e da manutenção da língua, mesmo na área urbana elas ainda hoje assumem o papel na família de ensinar aos filhos a língua materna e exigir que ela seja falada dentro de casa, entre os membros da família e em encontros mais íntimos com pessoas do grupo..

Em alguns casos, a atitudes da comunidade dos Pomeranos de Espigão do Oeste frente às línguas utilizadas, isto é, ao Pomerano e o Português, não são uniformes. Segundo eles, é preciso aprender a Língua Portuguesa porque é a língua dos negócios na cidade, mas não devem esquecer a língua materna. Eles afirmam que os filhos precisam aprender e usar a língua portuguesa porque só assim terão sucesso dentro e fora da comunidade, aprender a língua portuguesa significa não ser discriminado e não ser enganado nos negócios. Um dos entrevistados, afirmou que apesar de falar Pomerano, não quis ensinar aos seus filhos, pois quando criança ainda no estado do Espírito Santo foi muito discriminado e apanhou muito de colegas da escola por falar Pomerano, era confundido com alemão, o qual os brasileiros odiavam e era acusado de ser adepto de Hitler e seus pais foram vítimas dos “bate-paus”, após a II Guerra Mundial.

Bate-paus eram milícias armadas com porretes que atacavam as mulheres e crianças nas comunidades pomeranas do Espírito Santo durante e após a Segunda Guerra, quando os homens saiam para a roça, também chamavam os pomeranos de alemães nazistas. Por conta desta situação, ele desistiu da escola e deixou de falar Pomerano, jurando nunca mais querer ouvir Pomerano em sua casa ou na família.

O que é importante reconhecer é que uma redução drástica das diferenças culturais entre grupos étnicos não pode ser correlacionada de modo simples com uma redução da pertinência organizacional das identidades étnicas, ou com um declínio dos processos de manutenção das fronteiras (BARTH, 2011. p. 219-220).

No grupo masculino manifesta-se uma atitude positiva frente à língua portuguesa na perspectiva desse grupo, é sinônimo de promoção social e da respeitabilidade interna e externa dentro e fora da comunidade. Alguns depoimentos exemplificam as posições expostas acima: Todos os 11 entrevistados foram unânimes em concordar com a necessidade de aprender a Língua Portuguesa, “porque para se comunicar, trabalhar e fazer negócio é preciso falar Português”.

3.1.4 As fronteiras da terra e do casamento

Este tópico irá tratar de um dos mais significativos traços estruturais de manutenção da identidade pomerana, que se consolidam pela preservação das fronteiras estabelecidas por traços culturais do casamento. Identificamos alguns elementos culturais bastante significativos que estabelecem fronteiras muito bem delimitadas como suporte da cultura, dando continuidade à manutenção da estrutura social do grupo e do patrimônio das famílias pomeranas, mesmo ao sofrerem algumas variações.

O desfecho da herança é feito pelo pai ainda em vida, geralmente a terra, que é desdobrada em partes iguais ao número de filhos homens. A outra metade vai para o filho caçula do sexo masculino, que terá a incumbência de cuidar dos pais até o dia de sua morte.

A conclusão que chegamos a esse respeito é que tanto o valor simbólico como material atribuído aos traços acima, são motivados pelo desejo de preservar o patrimônio material e, conseqüentemente imaterial entre os membros da família, através da relação de parentesco e do patriarcalismo, considerando que a estrutura familiar é patriarcal e sendo ela preservada, a herança material levará consigo todo arcabouço cultural ao preservar a proximidade geográfica e social gerando a interdependência dos membros da família, haja vista, que as filhas não têm direito a herança e, conseqüentemente unir-se-ão a um herdeiro pomerano como manda a tradição. É claro que nos dias atuais muitas famílias já quebraram essa tradição, mas de modo geral ela ainda permanece. Em segundo lugar, garantir a subsistência do pai pelas incumbências morais e religiosas atribuídas ao filho mais novo, aconselhadas pela igreja, e ao mesmo tempo garantindo a preservação dos valores sociais, religiosos e preservar por mais tempo possível o patrimônio da família.

O casamento entre pomeranos atua como forma de preservação da identidade e do patrimônio, o que atualmente permanece em parte entre os Pomeranos da zona rural como aparece no comentário de um dos entrevistados na pesquisa de Pessoa (1995. p. 111): “Um velho ditado alemão, repetido entre os pomeranos diz que, ao casar, não se deve olhar para cima nem para baixo, mas para os lados (...). Para se casar é preciso prestar atenção nos costumes, observar o comportamento e a boa fama da pessoa”.

Considerando que a pesquisa de Socorro Pessoa foi realizada em 1995, após 20 (vinte) anos, entre os 11 (onze) entrevistados de nossa pesquisa, 03 (três) alegaram que ganharam a terra pela antiga tradição da herança; 01 (uma) que recebeu por ter se casado, e teve trabalho para que o pai cedesse, pois casou com um negro e o pai tinha preconceito; 01 (um) respondeu que já entregou a herança aos filhos casados e ajudou os filhos, mesmo que todos eles tenham casado com mulheres de outra etnia, mas tem certeza que o filho mais novo vai seguir a tradição e casar com uma mulher pomerana; 01 (um) respondeu que todos as filhas casaram com homens pomeranos e, mesmo assim receberam ajuda; dos 11 (onze) entrevistados, 09 (nove) responderam que trabalham nas terras do pai ou adquiriram terra por conta própria (fruto do seu trabalho), 03 (três) alegaram que sua herança advém da antiga tradição. Em entrevista, ao representante da juventude pomerana da Igreja Luterana, que também é de um programa na Rádio Pomerana, de Espigão do Oeste, informou que, algumas mulheres reclamam de terem sido vítimas deste sistema de herança para os filhos homens e afirmam que sua salvação foi ter casado com um pomerano de boa “situação”. Ele também afirmou que, alguns membros desta mesma geração, atualmente pensam diferente e afirmam que já distribuíram suas terras entre os filhos para que eles “tomem rumo na vida” ou os mantêm unidos trabalhando na terra, e espera que, quando morrer, eles mesmos decidam como ficará a partilha da terra.

Quanto ao casamento com pessoas de outra etnia, principalmente negros, na zona rural as opiniões são divididas entre os adultos. Observamos certa resistência à aceitação de “pessoas de cor” como integrante da família, mas devido à escassez, principalmente de homens pomeranos, é admissível o casamento com outras etnias, contanto que, na medida do possível, esta pessoa siga as tradições pomeranas da religião luterana, a alimentação e tenha disposição para o trabalho ou tenha algum patrimônio.

3.1.5 A fronteira da religião

Em pesquisa realizada por Rogério Link (2004, p. 10-11), a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB está estruturada em sínodos desde 1997. São 18 sínodos, mas nem sempre foi assim, desde a chegada dos primeiros imigrantes em 1824 até a formação do primeiro sínodo em 1886, as comunidades viveram um período congregacional ou comunidades livres, quer dizer, não existia nenhuma estrutura maior do que a local. A partir de 1886 começa um período de organização. Ao todo, foram quatro sínodos: Sínodo Riograndense (1886), Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul (1905), Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina (1911), e Sínodo Brasil Central (1912), ao qual Rondônia estava ligado, e a sede mais próxima de Espigão do Oeste era Pimenta Bueno, que ficava às margens da recém criada BR – 364 e também era ponto de telégrafo. Em 1949, os sínodos unem-se e fundam a Federação Sinodal e, em 1954, acrescentam o nome IECLB. Já em 1962, permanece apenas IECLB. O ano de 1968 foi um ano de reestruturação. Os sínodos foram completamente extintos e surgiram, em seu lugar, quatro Regiões Eclesiásticas. Durante a década de 1980 e início de 1990, surgiram mais quatro Regiões. As regiões, por sua vez, estavam divididas em Distritos Eclesiásticos. Em 1997, a IECLB adotou uma nova estrutura, dividida em 18 sínodos.

No Espírito Santo, tradicionalmente, os representantes da igreja Luterana ocupavam-se da educação religiosa, da promoção de cultos e ao lado disso eram responsáveis pela escola em alemão que não era bem vista e tinha dificuldade de ser aceita pelos pomeranos, porque durante e após a Segunda Guerra Mundial eles foram muito discriminados e até obrigados a aprender Português ou no mínimo falar Alemão nos cultos religiosos sob a tutela dos pastores luteranos. A explicação mais plausível para este fenômeno é que a Língua Alemã seria mais fácil de ser entendida e de se exercer um controle maior sobre todos que falassem essa língua, enquanto a pomerana seria mais difícil, e isto tornaria mais difícil o controle ideológico sobre os inimigos de guerra.

A postura da Igreja Luterana atualmente mostra-se diferente em Espigão do Oeste. Pois os religiosos além de se ocuparem das questões religiosas, trouxeram para o espaço da igreja a discussão das questões da vida em geral. Em

relação a isto vale destacar seu papel preponderante na valorização da Língua Portuguesa aliada às questões políticas relativas aos direitos e aos deveres do cidadão brasileiro. Enfim, tratava da socialização. Concretamente, a igreja vê os Pomeranos como brasileiros, ainda que de origem pomerana.

Para exercer a cidadania a que os Pomeranos têm direito enquanto brasileiros, torna-se necessário e urgente a aprendizagem e domínio da Língua Portuguesa como elemento primordial à socialização dos estrangeiros. Esta situação exemplifica de maneira muito clara como em determinados momentos o “fluxo de fronteira” pode ser utilizado como estratégia para obter ganhos políticos, ou mesmo como a fronteira pode ser ultrapassada sem risco de perda da identidade étnica.

Todos os cultos são liderados por pastores ou pastora, e uma vez por mês, tais cultos são realizados no centro da cidade, com o objetivo de promover a interação das pessoas residentes na zona rural com a população urbana. Esses cultos realizados fora da zona rural são mais sociáveis e se caracterizam por incluir pessoas não pomeranas. Uma das entrevistadas afirmou que, às vezes, o pastor faz apenas uma oração em pomerano chamada de o “Castelo Forte”, mas os hinos e os avisos de interesse da comunidade são feitos em Língua Portuguesa. Com relação à Igreja Luterana é perceptível o interesse de difundir amplamente a Língua Portuguesa, atualmente não seria possível banir totalmente o uso da língua pomerana dos cultos religiosos, mas há uma grande insistência por parte dos pastores para que a comunidade aprenda e domine a Língua Portuguesa.

Sobre esse aspecto, nem todos os 11 entrevistados foram unânimes em se posicionar contra o uso da Língua Portuguesa nos cultos, porém alguns dizem tolerar porque alguns membros da família não são Pomeranos “mas é de nosso agrado que os cultos continuassem em Pomerano”, pois alguns membros mais idosos só falam Pomerano, o que obriga a traduzir o culto para eles.

As fronteiras étnicas em cada caso são mantidas por um conjunto ilimitado de traços culturais. A maior parte da substância cultural que é associada a uma população humana não é restringida por essa fronteira, ela pode variar, ser reconhecida e mudar, sem nenhuma relação importante com a manutenção das fronteiras do grupo étnico (BARTH, 2011, p. 226-227).

Para nossa pesquisa, esta é uma das maiores demonstrações de que a língua pomerana é capaz de se manter como traço cultural significativo na estrutura étnica do grupo mesmo nas situações de interação com outros grupos de língua

diferentes. O fato é que na Igreja Luterana, nesse sentido, a atividade religiosa está profundamente marcada pela Língua Portuguesa. Vale salientar que, os casamentos tradicionais que sempre acontecem na zona rural são sempre realizados na Língua Pomerana. Quanto aos batismos, embora em Língua Portuguesa, conservam algumas tradições pomeranas tais como: grande número de padrinhos e entrega de envelopes (contendo uma quantia em dinheiro).

Atualmente, alguns membros da comunidade pomerana aderiram a outras igrejas evangélicas pentecostais, principalmente as mulheres, por influência do marido que muitas vezes, não são pomeranos ou por ter alcançado alguma “graça” que não conseguia em sua igreja materna. Existe também dissidência entre as igrejas luteranas de Espigão do Oeste. Alguns membros da categoria dos “melhorança” saíram da Primeira Igreja Luterana do Brasil e fundaram a Igreja Evangélica Luterana Renascer, no ano de 2005, alegando que existia um pastor antigo e muito tradicional que fora substituído por alguns anos, por um pastor menos tradicional que pregava com avivamento (vigor, fazendo apologias, enaltecendo as curas e as graças alcançadas pelos membros da igreja). Com o retorno do antigo pastor, foi criado um impasse. Na impossibilidade da continuidade do pastor menos tradicional conseguir mudanças, os membros pediram o afastamento dos dois pastores e a vinda de outro, o que não foi atendido pela alta cúpula da IECLB. Em represália, metade dos membros saíram e fundaram a nova igreja, onde hoje atualmente muitos ocupam cargos de presidente, presbíteros etc. Esse evento demonstra não apenas uma disputa religiosa, mas o poder que determinados atores tem e a posição social que ocupam dentro de um grupo ou instituição. Ficando claro a existência de uma forma de estratificação social entre os pomeranos ao ponto de não só dividir a instituição, mas também criar outra tão forte quanto a já existente.

Nas entrelinhas ficou claro que os melhoranças desejam uma igreja luterana menos tradicional para que eles tenham mais liberdade de adotar um estilo de vida mais condizente com suas necessidades atuais dentro do contexto capitalista, podendo exercer maior influência na comunidade.

Apesar destas mudanças eles ainda seguem a maioria dos princípios da tradição pomerana, o que fortalece a ideia de que a utilização da fronteira étnica requer uma certa racionalidade estratégica pelos membros de um grupo étnico mesmo nos momentos de transformação.

Certamente, um mesmo grupo de indivíduos, com suas próprias ideias e valores, posto diante das diferentes oportunidades oferecidas por diferentes meios, se veria obrigado a adotar diferentes padrões de existência e a institucionalizar diferentes formas de conduta (DIEGO VILLAR *apud* (BARTH 1976a:15).

Há de se observar que, este processo de estratificação está previsto por Barth em qualquer tipo de grupo étnico ao afirmar que “Quando um grupo étnico controla os meios de produção utilizados por outro grupo, prevalece uma relação de desigualdade estratificada”, o que necessariamente não altera os limites da fronteira com outros grupos.

3.2.1 Linguagem como estrutura simbólica manifesta no *habitus*

Max Weber não dá tanta ênfase à influência da linguagem como estrutura e representação simbólica capaz da manutenção dos valores e práticas culturais, necessária à manutenção da identidade. A linguagem como marco simbólico na obra de Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo encontra-se nos ensinamentos religiosos ou nos escritos de Benjamin Franklin, como forma de conduta a ser seguida no sentido da manutenção do *status quo*, através da racionalidade a ser seguida pelo homem.

Para compreendermos a ligação entre as idéias religiosas fundamentais do protestantismo ascético e suas máximas sobre a conduta econômica cotidiana, faz-se necessário examinar com especial cuidado os escritos que foram evidentemente derivados da prática clerical. (...) Para um tempo em que o além significava tudo, quando a posição social de um cristão dependia de sua admissão à comunhão, os clérigos com seu ministério, a disciplina da Igreja e a pregação exerciam uma influência (que pode ser apreciada nas coleções concilia, casus conscientiae, etc.) que nós homens modernos somos totalmente incapazes de imaginar aquele tempo em que as forças religiosas que se expressavam por esses canais eram as influências decisivas na formação do caráter nacional. (WEBER, 2004, p. 73).

A partir das afirmações acima, concluímos o que o *ethos* pode ser encontrado na hermenêutica religiosa do asceticismo como prática de vida orientada por Lutero, e que até certo ponto justifica a maneira simplória como vivem os Pomeranos, e de certa forma a não adesão às grandes inovações do capitalismo moderno, coincidindo em parte com o mesmo estilo de vida compartilhado pela comunidade religiosa e linguística pomerana descrita na dissertação de mestrado de Maria do Socorro Pessoa (1995), ao narrar que existe grande resistência dos

Pomeranos em se desligar da língua materna, pois “o dialeto pomerano serve para proteger as famílias do acesso a outras pessoas”, Este fenômeno nos remete à questão da reprodução do *habitus* como forma de manutenção do grupo em função da identidade e de sua coesão, ou seja, como estrutura estruturante, como afirma o próprio Bourdieu: “o universo simbólico atua como instrumento de conhecimento e de construção do mundo dos objetos”, a preservação desse símbolo dotado de conhecimento é que dá segurança às ações desse grupo linguístico, sem ele, tudo se torna vulnerável. É sob esse aspecto que Bourdieu nos traz explicações do poder simbólico da linguagem sobre a estrutura material ou propriamente na base superestrutural da materialização do *habitus*.

Há aproximadamente dez anos, a prefeitura de Espigão do Oeste – RO instituiu a figura do professor bilíngue, para atender alunos pomeranos na aprendizagem da Língua Portuguesa e da Pomerana no ensino fundamental, contempla a reivindicação da comunidade que até hoje não abre mão de sua língua materna, mas ao mesmo tempo, sente em seu cotidiano a necessidade do domínio da língua predominante na sociedade. Por ser uma língua oral e não escrita, torna-se cada vez mais necessário o papel da mulher enquanto mãe e dona de casa, na manutenção e reprodução da Língua Pomerana, como a língua da intimidade, da particularidade, dos segredos que só interessa aos membros do grupo.

O fato dos Pomeranos mais novos também falarem Português, e os mais velhos, principalmente os que habitam as colônias da zona rural, estarem mais acostumados com o Pomerano, isto pode ser entendido como uma forma de racionalidade necessária ao controle dos bens da família pelo patriarca, e que para estabelecer relações no comércio, instituições públicas e bancárias, sempre dependerão da interpretação dos mais novos que falam Português. Este fenômeno pode ser explicado como uma forma de poder simbólico exercido pelos mais velhos.

Esse dialeto foi aperfeiçoado pelos pomeranos servos na época do Feudalismo, para dificultar a compreensão pelos seus senhores, reis e príncipes. Nessa época foi muito mudado para que os senhores feudais não entendessem os seus planos. Para facilitar isso era importante que não fosse escrito. Até hoje ele não é escrito. É, por isso, considerado uma língua subversiva. Na Pomerânia o dialeto pomerano foi muito perseguido, tanto pelo Estado Alemão como pelo Polonês. Os pomeranos capixabas são os únicos que ainda falam o seu dialeto. Os outros que ficaram na Alemanha, os que foram para os Estados Unidos e Canadá e até mesmo os

que foram para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, logo perderam sua língua nativa. (JACOB, 1987. P. 88).

Diante deste quadro, podemos ressaltar o papel importante da terra como estrutura material fundamental para preservação da linguagem, ou seja, como lócus de reprodução de sua prática e de outros elementos culturais para preservação do *habitus* na identidade do grupo, pois em outros locais a terra ou mesmo o processo de ocupação não exigiu tanta resistência e persistência como foi na Amazônia.

O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor (BOURDIEU, 1994, p. 107).

3.2.2 O *Ethos* e o *Habitus*: No trabalho e na religião

Considerando que Weber ao tratar da filiação religiosa e as ações decorrentes dela, observamos que a tradição religiosa pomerana tem estreita ligação com o protestantismo, especificamente a religião luterana. Partimos do princípio de que esta religião continua até hoje exercendo certa influência ética voltada para a vocação do trabalho agrícola, pois como já falamos anteriormente, os Pomeranos, em sua maioria, principalmente os mais conservadores ainda mantêm um vínculo muito forte com a terra, e este fenômeno pode ter reforçado ou reproduzido as relações de trabalho, pois não podemos esquecer que, bem antes da Reforma Protestante, o modo de produção adotado por eles era o feudal, e há de se considerar que, a região da Pomerânia foi uma das últimas a abrir mão do feudalismo no início da Idade Moderna, e só o fez, em virtude de sua extinção, devido a intensas lutas e posteriormente a ocupação da região pelos alemães e poloneses.

Considerando que Lutero desenvolveu o conceito chamado de vocação ao longo da primeira década de sua atividade como reformador em harmonia com a tradição predominante na Idade Média, e o conceito de vocação foi introduzido no dogma central de todas as denominações protestantes. Entretanto, enquanto outras religiões avançavam em direção a uma ética capitalista, os luteranos ainda cultuavam alguns princípios bastante conservadores, como o que veremos em seguida:

Se faz necessário notar que Lutero não pode ser reivindicado pelo espírito do capitalismo no sentido em que usamos o termo e nem, (...) em qualquer outro sentido. Os círculos religiosos que celebram com muito entusiasmo os grandes resultados da Reforma não eram amigáveis para com qualquer forma de capitalismo (...) Por outro lado, as numerosas colocações de Lutero contra a usura e qualquer forma de juros revelam, quando comparadas com as da baixa Escolástica, que a natureza da aquisição (...), são definitivamente retrógradas, e, em especial, naturalmente, a doutrina da esterilidade do dinheiro (WEBER, 2004, p.36-37).

Talvez o texto acima explique pelo menos em boa parte o apego às relações mais primitivas ou tradicionais de exploração do capital através da agricultura. O ponto onde queremos chegar é que até os dias atuais, os Pomeranos de Rondônia ainda preservam em grande parte essa atividade como parte de sua identidade, ou seja, o vínculo deles com atividades agrícolas ou mesmo os meios de reprodução do capital ainda se encaixam em atividades ligadas à agricultura, pecuária ou comercialização de produtos derivados dela como, por exemplo, produção de pães, doces, e produtos caseiros, venda da produção do café, muitas vezes na folha, recebendo antecipado em dinheiro e pagando com a futura produção ao preço do dia, e tendo como garantia uma simples nota de papel do comprador contendo a quantidade de sacas compradas sem constar o valor monetário, e esta mesma produção será adquirida futuramente de acordo com o valor e a conveniência do comprador, e cujo valor da produção, geralmente será sempre menor do que quando foi vendido pelo produtor, pois o comprador utilizará a lei do mercado (Lei da Oferta e da Procura) ao seu favor.

A divisão do trabalho no campo e a estruturação da família são bastante peculiares onde as mulheres geralmente tratam dos animais, da horta, produção de alimentos tradicionais como: pães de milho (brôt), de banana, de batata, compotas de frutas, bolos, que na maioria das vezes engrossam a renda e são vendidos na feira dos Pomeranos em um dia da semana, geralmente somente as mulheres e crianças pomeranas com distinta caracterização em relação à outras etnias, ficando evidente que a caracterização serve para distinguir “quem” está vendendo os produtos. Às vezes, até participam das feiras comuns, mas se diferenciam pelo espaço específico que ocupam e também pelas vestimentas.

Todos esses produtos ou tem origem na cultura pomerana ou são reelaboraões feitas com ingredientes substitutos de matéria prima similar às oriundas de sua terra de origem. Essa dificuldade pela manutenção da matéria prima

original é questionada por alguns membros da comunidade ao afirmarem que com a tecnologia moderna, como a geladeira, a culinária tem mudado um pouco o sabor e a forma de confecção de alguns produtos. Desta feita, podemos observar que as facilidades do capitalismo caminham no sentido contrário ao da preservação da cultura. No mais, as mulheres são responsáveis pelos serviços domésticos, enquanto os homens desempenham atividades mais pesadas como, cultivo do café, feijão, milho, plantio de banana, abacaxi e outras frutas que são a base da alimentação pomerana e de sua comercialização. Também são responsáveis pelas construções de currais, cercas e habitações de modo geral.

3.2.3 Weber e Bourdieu

O desdobramento do *ethos* em *habitus* acontece como as capacidades criadoras, ativas e inventivas, onde seu poder gerador não é de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, “o *habitus* é um conhecimento adquirido, um haver, o *habitus* indica a disposição quase postural de um agente em ação”. Já a abordagem weberiana se aproxima mais de uma racionalidade universal, adequando-se e elevando-se junto com uma estrutura histórica, ao passo que o *habitus* está mais para uma tradição, como uma prática materialista de agentes em determinado espaço.

Os que quiserem ligar a palavra à sua origem, (...) por pouco inteligente que seja o modo de conduzir o inquérito, que a sua força teórica residia precisamente na direção de pesquisar por ela designada a qual estará na própria origem da superação que tornou possível, (...) sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construção de objeto (BOURDIEU, p. 62, 1989).

Ao analisar a construção do objeto, observando a constituição de uma nova tradição ou uma identidade com seus pormenores, em sua divisão do trabalho, sua forma de produzir e comercializar, torna-se mais compreensível quando partimos do conceito de *habitus*, pois como já dissemos antes, o *ethos* está mais para uma racionalidade universal como uma lógica a ser seguida por integrantes de uma comunidade, agindo em função desta lógica, chega até assemelhar-se ao fato

social de Émile Durkheim, enquanto que no *habitus* estas ações são praticadas em função de sua materialização e que em determinados momentos se expande, estabiliza-se e muitas vezes, transforma-se em outro *modus operandi*, dependendo de fatores ambientais ou econômicos.

Weber parte do princípio de que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas é predominantemente protestante, mas temos que voltar na história e observar que ele também mencionou que o estilo de vida comedido, ético e regular do homem protestante colaboraria sobremaneira, para que sua vida virtuosa não o deixasse a mínguas. Afirmando que os resultados de tais circunstâncias favorecem os protestantes, até hoje, na sua labuta pela existência econômica. Bourdieu atribui este fenômeno à forma como o capital social é estruturado pela classe dominante.

Por outro lado, Weber também esclarece que no passado, contrariamente aos protestantes quer da Holanda quer da Inglaterra, na época em que eram perseguidos ou apenas tolerados, não alcançaram desenvolvimento econômico relevante: “Nos feudos, nas oficinas, a indústria caseira e as propriedades movidas pelo trabalho servil foram provavelmente ainda menos desenvolvidas”. Esta talvez seja uma das maiores contribuições na explicação de que, Pomeranos sendo filiados ao protestantismo luterano, até hoje valorizam mais a agricultura (terra) que qualquer outra forma de capital, capaz de produzir ou reproduzir atividades adequadas ao seu *modus operandi*. O *ethos* que se desenvolveu a caminho do capitalismo, desenvolveu-se apenas em algumas religiões ou em seitas protestantes, principalmente no meio urbano, e não em todas, como é o caso dos Pomeranos luteranos em Rondônia.

Nosso esforço será elucidar a relação existente entre o luteranismo e a lógica desenvolvida no processo de produção em relação aos meios e a divisão do trabalho entre Pomeranos.

Os protestantes da Alemanha, do mesmo modo, são absorvidos pelas atividades econômicas diuturnas. o Pietismo, em particular, tem grande número de seus seguidores mais zelosos com suas origens. Isto pode ser explicado como uma espécie de reação contra a cobiça. O velho Protestantismo de Lutero, Calvino, Knox e Voet tinha bem pouco a ver com o que é hoje chamado de progresso.

Se partirmos desse princípio, esta poderia ser uma explicação válida do ponto de vista da ética protestante para a tradição agrícola e a divisão simplória e artesanal das tarefas entre os membros das famílias pomeranas. No sentido do *habitus*, este processo é visto de forma mais complexa e abrangente, partindo das estruturas estruturadas e estruturantes que resistem em função de suas necessidades práticas que adquirem materialidade, e suas ações são praticadas em função da garantia de sobrevivência dos agentes que ao mudar de seu lócus original, se apegam a tradições e *modus operandi* que validaram suas vidas durante muito tempo e aparecem como tábua de salvação em outro local, como garantia de segurança social e econômica, que com o passar do tempo, consolidou-se como modo de vida e se expande, estabiliza-se, e muitas vezes transforma-se em outro *modus operandi*, sem, contudo transformar totalmente sua identidade.

3.2.4 A família e a terra como base material e a consolidação da estrutura imaterial

De acordo com Bourdieu (1994), o agente é formado e situado como parte de uma estrutura material e imaterial, pois sua existência necessariamente está vinculada a sua permanência no tempo e num espaço histórico, ao passo que a família ao se fixar na terra passa a fazer parte desse *lócus* de acontecimentos, fortalecendo os laços sociais e, conseqüentemente dando coesão à estrutura na forma de *habitus*. Por outro lado, Weber afirma que:

Para compreendermos a ligação entre as ideias religiosas fundamentais do protestantismo ascético e suas máximas sobre a conduta econômica cotidiana, faz-se necessário examinar com especial cuidado os escritos que foram evidentemente derivados da prática clerical (2004, p. 33).

Neste caso, os membros da família revestem-se da ética protestante, como se existisse um elo maior orientando o agente que se encontra entre a religiosidade e a racionalidade no desempenho das atividades materiais e simbólicas, estruturadas no apego a terra como dádiva divina, e na crença que suas ações são orientadas no sentido de agradar a Deus.

Trabalhar dentro da vocação se lhe a figurou como a expressão externa do amor fraternal. Isto ele prova com a observação de que a divisão do

trabalho força cada indivíduo a trabalhar para os outros, embora seu ponto de vista seja muito ingênuo, em gritante contraste com as posições bem conhecidas de Adam Smith sobre o mesmo tema (WEBER, 2004. p. 35).

Entre os Pomeranos dificilmente podemos separar Terra, Trabalho e Família, esta tríade, forma a base do seu meio de produção. Como podemos observar, as famílias pomeranas são bastante numerosas, tem em média seis filhos, muitos filhos e filhas, os filhos são necessários, acreditamos que esta característica esteja relacionada à necessidade da abundância de mão de obra barata. A relação familiar é fortemente hierárquica e patriarcal. O homem é o senhor absoluto sobre a mulher e os filhos e filhas são empregadas sem remuneração na propriedade do pai. Bourdieu explica essa estrutura através do *habitus*. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens e de práticas (BOURDIEU, 1994, p. 21).

Inegavelmente, a estrutura familiar do ponto de vista econômico atua como estrutura estruturada e estruturante que atende às necessidades não apenas da manutenção da ordem, mas vai cada vez mais solidificando os vínculos tanto nas relações de produção na forma de agricultura familiar quanto ao vínculo e à permanência na terra, compreendido pela forma como a família pomerana exerce o domínio da propriedade da terra como capital econômico e cultural.

O processo de reprodução da estrutura familiar e perpetuação do capital (terra) acontecem seguindo uma lógica específica deste grupo: Apenas os filhos do sexo masculino recebem um pedaço de terra quando se casam, as filhas não recebem, porque pressupõe-se que com o casamento o marido trará a terra que recebeu de seu pai, sendo que cada filho que casa recebe sua parte de terra e constrói sua “independência familiar”, ficando a maior parte da terra com o pai, para ser herdada somente pelo último filho (o mais novo) que permanecerá solteiro, e só poderá herdar essa terra após a morte do pai.

Este processo pode ser explicado, se levarmos em conta que a terra é a principal base material e econômica para a construção, produção, reprodução ou transformação do *habitus* criados sobre ela, no caso as tradições simbólicas e materiais criadas ou reproduzidas sobre ela, mas não podemos perder de vista que ela sempre será o capital, onde os meios de produção iram gerar o produto material

e imaterial simbólico dos Pomeranos. Enfim, a terra, o trabalho e a família, compõem o patrimônio material e imaterial da família.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa foi realizada a partir de estudos teóricos e pesquisa de campo com 11 entrevistados, através de questionários, gravações de depoimentos, observação direta e conversas informais. Chegamos as seguintes conclusões: O capitalismo vem sistematicamente corroendo as fronteiras étnicas dos elementos fundamentais que sustentam a identidade étnica pomerana. incidindo inicialmente sobre seu modo de produção que é a agricultura familiar, principalmente pelo seu papel econômico que bate de frente com o expansionismo agrícola e a monocultura, que crescem desordenadamente no Estado de Rondônia

A agricultura familiar enquanto modo de produção pomeranos atua como base material e ideológica na produção e manutenção de sua identidade. Com a intensificação do comércio do café no município de Espigão D'Oeste, a agricultura familiar já dá sinais de transformações em sua estrutura, afetando a dinâmica na divisão do trabalho, que responsável pela forma como os traços culturais se mantêm como fonte de sua identidade ética, familiar e econômica.

Não podemos deixar de considerar que a agricultura familiar é o modo de produção dos pomerano, entendendo que ela atua como a base material de manutenção de sua identidade, e que por aproximadamente três décadas vem sendo também a base material e ideológica da própria produção cultural deste povo. Com a intensificação do comércio do café no município, a agricultura familiar já dá sinais de mudança em sua estrutura, afetando a dinâmica na divisão social do trabalho, que por sinal é responsável pela forma como os traços culturais se mantêm como baluarte de sua identidade étnica familiar e econômica.

O surgimento da nova classe social entre os pomeranos chamada Melhorança, cria uma nova fonte de poder político e econômico para eles, pois esta nova classe representa prestígio para os Pomeranos, que passam a ser vistos com mais respeito e também fortalece seus traços culturais, na medida em que promovem a cultura do grupo patrocinando festas típicas, feiras agrícolas, eventos, programas de rádio e outras formas de atividades ou na divulgação da cultura pomerana. Por outro lado proporciona o acesso dos Pomeranos aos fetiches do capitalismo, que atrai os sujeitos às armadilhas da massificação social e à descaracterização de sua identidade, Fato que já é “natural” entre os filhos dos

Melhoranças não se identificarem mais com os elementos culturais de sua origem, e os filhos dos agricultores idealizarem-se como os filhos dos melhoranças criando um processo de reprodução voltado para a cultura globalizada como já vem acontecendo com o desapego a comidas, festas, objetos, usos e outros elementos que compõem os traços culturais vem sendo paulatinamente substituídos pela nova tecnologia e até futilidades proporcionadas pelo capitalismo moderno.

A estrutura da família pomerana ainda manifesta forte tendência à preservar seus aspectos originais. Por exemplo, o antigo costume de um Pomerano casar-se com outro Pomerano ainda continua. Porém dentro das possibilidades, com o passar do tempo a dificuldade de encontrar um par que não fosse parente direto, juntamente com a escassez de gêneros diferentes para casais da mesma etnia, fragilizaram este traço cultural, e atualmente encontramos casais formados por pomeranos e não-pomeranos.

Quanto à tradição familiar da herança em que a partilha dos bens (terra) é feita ainda em vida, e que a maior parte da terra fica para o filho mais novo que por sinal só poderá adquiri-la após a morte do pai, é vista por nós como uma estratégia de controle sobre a manutenção do patrimônio e da família não apenas no presente mas em seu futuro, aja vista que, tanto o destino da terra como dos herdeiros está traçado pelo pai em vida. Pois a família e a terra atuam como forma de manutenção do poder econômico e garantia de um envelhecimento digno para os pais. Este é outros traço que vem sofrendo algumas transformações em decorrência dos motivos expostos acima.

A Língua Pomerana vem aos poucos desaparecendo por dois motivos: primeiro por ser uma língua apenas oral, ou seja, apenas falada e quase nada escrita, dificulta a manutenção de sua reprodução com a mesma intensidade que quando ela atuava quase sem a necessidade da língua portuguesa, principalmente entre os mais jovens, grupo que interage com maior intensidade com diferentes grupos, ela vem sendo deixada de lado. Por outro lado, a necessidade de utilização da Língua Portuguesa vem aos poucos dominando o espaço que antes era ocupado pela Língua Pomerana. Existem alguns projetos de escola bilíngue que não têm sido levados adiante, mas entre a população adulta e idosa é muito comum o esforço para continuar mantendo seu uso dentro de casa e em encontros sociais entre os Pomeranos principalmente por aqueles que vivem na zona rural.

A religião luterana, que é historicamente a religião dos Pomeranos continua como a religião predominante, com algumas exceções de jovens ou mulheres pomeranas que, em função de relacionamentos com pessoas de outros grupos aderem a outras religiões. Mesmo assim, a religião luterana continua mantendo sua hegemonia entre os pomeranos. E essa religião ainda detêm uma função social importante para a cultura pomerana, pois seu papel na manutenção da moral cristã, que orienta a conduta diária dos Pomeranos desde a convivência familiar e social na realização de eventos em prol da comunidade como, mutirões, festas e decisões políticas que requer a participação de todos, no asceticismo de sua conduta econômica e laboral, exercendo um forte papel ideológico na manutenção de traços de sua identidade, atuando como fronteira étnica na manutenção desses traços culturais e seus valores, ela ainda detêm um papel social muito importante para a cultura pomerana. Porém, por seu caráter cristão de querer levar a salvação a todos, ela deixa suas portas abertas, e recebe influência de novos membros que entram através dos novos relacionamentos conjugais e terminam influenciando a forma de pensar de parte dos integrantes.

Finalmente entendemos que o núcleo forte da identidade étnica pomerana, que se mantém como fronteira étnica, é uma estrutura econômica complexa, composta pela terra o trabalho e a família, que são a base de seu modo de produção, e sem este núcleo a cultura pomerana não poderia existir..

REFERÊNCIAS

AMARAL, Januário. **Mata Virgem: Terra prostituta**. São Paulo. Terceira Margem, 2004.

BAHIA, Joana. **O tiro da Bruxa: Identidade, magia e religião na imigração alemã**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidades: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS**. 2008. [BSCSH/UFRGS]

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e Suas Fronteiras**. In: Poutignat, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade – Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: UNESP, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade Individualizada: Vidas CONTATAS e histórias vividas**. Rio de Janeiro. ZAHAR, 2001.

_____, **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. ZAHAR editora, 2003.

_____, **Identidade: Entrevista à Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro. Zahar editora, 2005.

_____, **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro. ZAHAR editora, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Editora Bertand do Brasil S.A., 1989.

_____, **Razões Práticas**. São Paulo. Papyrus editora, 1994.

_____, **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

_____, **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Perspectiva editora, 2013.

BORTOLETO, Elaine Mundim. **Identidade, território, e pertencimento: a comunidade pomerana em pancas/es e a unidade de conservação dos pontões capixabas**. VI Encontro Nacional dos Geógrafos, **Anais...**, Porto Alegre – RS25 a 31 de julho de 2010.

CARDOSO de Oliveira, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**, Editora Pioneira, São Paulo. 1976

_____. **Identidade e Estrutura Social, comunicação apresentada à Academia Brasileira de Ciência**, Rio de Janeiro, p.243-263. 1978.

DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sérgio. **RS: imigração & colonização**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. [ECO/UFRGS, CENTRAL/PUCRS, UCS]

FROEMMING, Angela Brandalise. **Migração e Identidade: Formação de Comunidades Evangélicas nas Colonizações Mistas de Três de Maio, Horizontina e Dr. Maurício Cardoso no Século XX**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia. 2009.

GAEDE, R. **Os pomeranos no Estado do Espírito Santo, seu passado, sua situação atual, um desafio para a Igreja São Leopoldo-ES**. (Monografia – Bacharelado em Teologia pela Faculdade de Teologia do Instituto Eclesiástico Luterano). Vitória - ES. 1976.

GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil. Vitória (ES)**: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

GREGORY, Valdir. **Capitalismo, latifúndio, migrações: a colonização do período republicano no Rio Grande do Sul. Zona Norte e região da Grande Santa Rosa**. PUCRS. Dissertação de Mestrado em História. 1988.

HUNSCHE, Carlos Henrique. **O quadriênio 1827-1830 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: G&W, 2004. [BSCSH/UFRGS]

JACOB, J. K. **A imigração e aspectos da cultura no Espírito Santo. Espírito Santo. Vitória**. DEC, 1992.

_____, **Cidades irmãs pomeranas: Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO). Nova Venécia-ES**. Gráfica Cricaré, 2011, 116 p.

LINK, Rogério Sávio. *Luteranos em Rondônia: o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-(1967-1987)*. Dissertação de mestrado – Escola Superior de Teologia. (1967-1987). São Leopoldo: Sinodal, 2004.

MALTZAHN, Paulo César. *A construção da Identidade Étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionista**. Petrópolis: Vozes, 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso *Os Descaminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Paralelo 15, 2006.

PINTO, Mauro Sérgio Vianello. **A pluriatividade como estratégia de reprodução social do agricultor familiar no projeto de assentamento rural Fazenda Pirituba II** / Mauro Sérgio Vianello Pinto. --Campinas, SP: [s.n.], 2009.

PARAGUASSU-CHAVES, C. A. **Geografia Médica ou da Saúde: Espaço ou doenças na Amazônia ocidental**. Porto Velho. EDUFRO, 2001.

PERDIGÃO, F. B. L. **Migrantes amazônicos: Rondônia PAZ, Ivoni Nör. Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia. Os atribulados caminhos de uma comunidade de imigrantes. (1858 – 1937). 1990.** Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PESSOA, M. do S. **Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos em Espigão D'Oeste - RO.** (Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Universidade de Campinas). Campinas, SP. 1995.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo: UNESP, 2011.

RADÜNZ, Roberto. **A Terra da Liberdade: o protestantismo luterano em Santa Cruz do Sul no século XIX.** Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2003.

RENCK, Arlene. **Etnicidade e itinerários dos grupos étnicos no Sul do Brasil.** In: **Encontro da Anpocs**, 22, 1998, Caxambu. Anais. São Paulo: ANPOCS, 1998. p. 4.

SCHAFER, Neli. **Vida cotidiana e identidade étnica teuto-brasileira (1947-1961).** 1995. 333 p.

_____. **A Dimensão Cultural da Imigração.** Vol. 26 nº 77 Outubro /2011

_____. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil.** REVISTA USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

SALAMONI, G. (org.). **Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul.** Pelotas. UFPEL, 1995.

SCHAWARTZ, L. H. **Organização e Reprodução Social da Agricultura Familiar entre Descendentes de Imigrantes Pomeranos no Município de São Lourenço do Sul, RS.** In: XIX Congresso Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009, p. 1-23.

SEYFERTH, Giralda. **A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica.** In: **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, historia.** Canoas: Ed. da ULBRA, 1994.

SOUZA, I. **Migrações internas no Brasil. Rio de Janeiro. Petrópolis. Vozes, 1980.**

Teorias das Migrações Internacionais. 25 p. - (Texto para discussão, 426) XII Encontro Nacional da ABEP. Caxambu, outubro de 2000.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

TESCHE, Leomar. **A prática do turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes, no Rio Grande do Sul: 1867-1942.** 1995. Dissertação (Mestrado)

— Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências Humanas, Curso de Pós-Graduação em História.

VILLAR, Diego. **Uma Abordagem Crítica do Conceito de “Etnicidade” na Obra de Fredrik Barth**. Argentina. E-mail: dvillar@fullzero.com.ar

VOGT, Olgário. **Colonização alemã e capital social (RS)**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul. 2006.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

_____, **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, v1.

_____. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). Weber - Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999, p. 79-127.

_____. **Classe, estamento, partido**. In: GERTH, Hans e MILLS, Wright (Org.). Max Weber -

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991, v1.

ANEXOS



Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – São Gabriel da Palha – ES



Feirante Pomerana



Foto – Fabio Henrique : A concertina



Foto – Fabio Henrique : A concertina



Foto – Fabio Henrique – Festa Pomerana de 2016



Foto – Fabio Henrique – Festa Pomerana de 2016



Foto – Fabio Henrique - Festa Pomerana de 2016



Foto – Fabio Henrique – Festa Pomerana de 2016





Foto – Fabio Henrique - Festa Pomerana de 2016